



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO  
CENTRO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS  
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA  
CURSO DE LICENCIATURA EM HISTÓRIA

CLAYTON MARCIO HERMES PEREIRA

**REPRESENTAÇÕES DA GUERRA DO BIAFRA NO *DIÁRIO DE PERNAMBUCO*:**  
considerações sobre o símbolo da fome (1970- 1989).

Recife,  
2023

CLAYTON MARCIO HERMES PEREIRA

**REPRESENTAÇÕES DA GUERRA DO BIAFRA NO *DIÁRIO DE PERNAMBUCO*:**  
considerações sobre o símbolo da fome (1970- 1989).

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Licenciatura em  
História da Universidade Federal de  
Pernambuco, como requisito parcial para  
obtenção do título de graduado em  
História.

Orientador (a): Luiza Nascimento dos Reis

Recife  
2023

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,  
através do programa de geração automática do SIB/UFPE

Pereira, Clayton Marcio Hermes.  
REPRESENTAÇÕES DA GUERRA DO BIAFRA NO DIÁRIO DE  
PERNAMBUCO: considerações sobre o símbolo da fome (1970- 1989). / Clayton  
Marcio Hermes Pereira. - Recife, 2023.  
59p. : il., tab.

Orientador(a): Luiza Nascimento dos Reis  
Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação) - Universidade Federal de  
Pernambuco, Centro de Filosofia e Ciências Humanas, , 2023.

1. Guerra do Biafra. 2. História da Nigéria. 3. Relações Brasil ? África. 4.  
Estudos Culturais. I. Reis, Luiza Nascimento dos . (Orientação). II. Título.

900 CDD (22.ed.)

CLAYTON MARCIO HERMES PEREIRA

**REPRESENTAÇÕES DA GUERRA DO BIAFRA NO *DIÁRIO DE PERNAMBUCO*:**  
considerações sobre o símbolo da fome (1970- 1989).

Trabalho de Conclusão de Curso  
apresentado ao Curso de Licenciatura em  
História da Universidade Federal de  
Pernambuco, como requisito parcial para  
obtenção do título de graduado em  
História.

Aprovado em: 07/06/2023

**BANCA EXAMINADORA**

---

Profa. Dra. Luiza Nascimento dos Reis (Orientadora)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof. Dr. José Bento Rosa da Silva (Examinador Interno)  
Universidade Federal de Pernambuco

---

Prof. Dr. Juvenal de Carvalho Conceição (Examinador Externo)  
Universidade Federal de Recôncavo Baiano

## AGRADECIMENTOS

De antemão, a existência dessa seção neste Trabalho de Conclusão de Curso é o reconhecimento da impossibilidade de se construir qualquer coisa sozinho, de ser, o que quer que seja, sozinho. Sou o resultado das trocas, das experiências e vivências que tive ao longo da vida, com familiares, amigos, professores. Ainda que tenha se tornado até um lugar comum, muitas vezes com seus sentidos esvaziados, vejo ainda pertinente a frase da filosofia Ubuntu: Eu sou porque nós somos.

Assim, agradeço em primeiro lugar, a minha mãe, Mércia Ferreira Ramos, e meu pai, Glauton Márcio Hermes Pereira, por todo o suporte que me deram durante toda a vida, por se desdobrarem, muitas vezes negligenciando a si, para me proporcionar uma boa educação. A conclusão desse curso, encaro não apenas como uma alegria pessoal, mas uma vitória coletiva e um retorno por tudo que meus pais fizeram por mim, por todo investimento em minha educação escolar e acadêmica.

Agradeço em destaque a Levi Rodrigues, secretário do curso de História, pela compreensão, sensibilidade, amizade e devoção ao seu trabalho, sem o qual, eu certamente não teria concluído o curso, ou concluiria com muitos ônus ou problemas. Acredito que esta seja a opinião de muitos outros: este curso não seria o que é sem Levi.

Agradeço a três importantes amigadas que pude construir durante o XII COPENE: Yure Gonçalves, cuja energia naturalmente nos impele para frente, Helen Silva, por seu afeto verdadeiro e peculiar e Rafaela Alcântara, minha dupla de sempre, por tornar os dias mais amenos. E à minha amiga Maria Oliveira, quem gentilmente corrige a ortografia e ABNT de todos os textos que escrevo.

Agradeço à minha orientadora, Luiza Nascimento dos Reis, por todo o aprendizado durante estes 5 anos de pesquisas e debates em seu grupo de estudos sobre a história contemporânea da Nigéria, sendo a pessoa responsável por me fascinar pelas escritas literárias africanas e pelo tema de trabalho nesta monografia.

Agradeço a todos os colegas do Grupo de Estudos África'70, pelos debates e construções conjuntas, sobretudo Mirela Cibalde, quem traduziu um capítulo do livro *The History of Nigeria* para o grupo, me possibilitando um primeiro contato com a temática, quando ainda não conseguia ler o original em inglês.

Agradeço ao Prof. José Bento Rosa da Silva, com quem cursei a disciplina História da África em 2018. E sendo minha primeira referência de intelectual negro na universidade, e por ser quem é, estar onde está, nos faz querer um pouco mais.

Agradeço Juvenal de Carvalho e Mariana Licurgo, as maiores referências que tive contato acerca das representações da guerra do Biafra em periódicos brasileiros. Os agradeço ainda pelas trocas no I Encontro do Grupo de Estudos África'70, onde pude colher apontamentos valiosos para o desenvolvimento desta pesquisa.

Agradeço ao Laboratório de Educação das Relações Étnico-Raciais (Laberer), por todas as discussões e conversas que possibilitaram ampliar meu conhecimento em torno de questões raciais no Brasil, e, é claro, pelos bons amigos que pude criar.

Agradeço à Prof<sup>ª</sup>. Ceça Reis por todo o carinho e compreensão dispensados a mim em 2 anos como minha coordenadora no Núcleo de Políticas de Educação das Relações Étnico-Raciais, pelos incentivos à minha produção acadêmica e aos puxões de orelha que me possibilitaram melhorar.

Agradeço a Adilson dos Ramos, que através do Espaço de Pesquisa e Cultura das Relações Étnico-Raciais (EPCRER), contribuiu de forma significativa com a escrita deste trabalho, uma vez que muitos dos livros aqui utilizados, eu dificilmente teria acesso de outra forma que não através desta biblioteca de referência. Ainda que sejam muitos a citar, agradeço todos os amigos que compõem o EPCRER e trabalham para que a história e cultura Indígena, quilombola, negra e cigana se tornem cada dia menos raras nas bibliotecas, corredores e salas de aula da UFPE.

Agradeço a professora Marília Azambuja, que muito embora dificilmente lembre, tem o dom mágico da palavra certa no momento certo e entende que a docência, a experiência concreta do aprendizado, extrapola a sala de aula.

Decidi correr o risco de esquecer muita gente, mas os amigos não citados certamente sabem de sua importância em minha trajetória.

“Eu sou nigeriano porque o branco criou a Nigéria e me deu essa identidade. Sou negro porque o branco fez o negro ser o mais diferente possível do branco. Mas eu era ibo antes que o branco aparecesse”

## RESUMO

A Nigéria, país com o maior contingente populacional africano, tornou-se independente em 1960, e sobre ele depositou-se grande esperança em seu futuro pós-colonial por conta das jazidas de petróleo encontradas no país pouco antes de sua independência. Marca de muitos países africanos, a Nigéria foi também atravessada por disputas políticas entre grupos étnicos, alimentadas por conflitos de interesses europeus, que contribuem na instabilidade dos Estados africanos. A instabilidade ocasionou a guerra do Biafra, conflito que foi televisionado e exposto nos principais jornais do mundo. Desta maneira, objetivamos analisar como o conflito é representado no jornal Diário de Pernambuco no período de 1970 a 1989, tendo em perspectiva o contexto de tensionamentos raciais em que as narrativas do jornal são produzidas. Este trabalho se constrói em diálogo com os conceitos de representação, estereótipo e alteridade, ferramentas analíticas da perspectiva teórica dos Estudos Culturais, partindo sobretudo das contribuições de Stuart Hall (2016). Como resultado, observamos que Biafra é construída narrativamente enquanto símbolo de fome, e suas representações são comumente colocadas em paralelo com a fome no nordeste brasileiro, uma vez que dentro de uma perspectiva racializada, as problemáticas econômicas e sociais da África e do Nordeste são atribuídas à raça, e aproximadas pelas heranças africanas na região.

**Palavras-chave:** Guerra do Biafra; História da Nigéria; Relações Brasil – África; Estudos Culturais.

## ABSTRACT

Nigeria, the country with the largest African population, became independent in 1960, and great hope was placed in its post-colonial future due to the oil deposits found in the country shortly before its independence. Like many African countries, Nigeria has also been plagued by political disputes between ethnic groups, fueled by conflicts over European interests, which have contributed to the instability of African states. This instability led to the Biafra War, a conflict that was televised and featured in the world's leading newspapers. In this way, we aim to analyze how the conflict is represented in the newspaper *Diário de Pernambuco* from 1970 to 1989, taking into account the context of racial tensions in which the newspaper's narratives are produced. This work is built in dialog with the concepts of representation, stereotype and otherness, analytical tools from the theoretical perspective of Cultural Studies, based mainly on the contributions of Stuart Hall (2016). As a result, we observed that Biafra is narratively constructed as a symbol of hunger, and its representations are commonly placed in parallel with hunger in northeastern Brazil, since within a racialized perspective, the economic and social problems of Africa and the Northeast are attributed to race, and brought together by African heritage in the region.

**Keywords:** Biafra War; Nigerian history; Brazil-Africa relations; Cultural Studies.

## LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Gráfico 1–	Matérias sobre Biafra 1970 - 1975	18
Gráfico 2–	Matérias sobre Biafra 1976 - 1979	18
Gráfico 3–	Matérias sobre Biafra 1980 - 1985	18
Gráfico 4–	Matérias sobre Biafra 1986 – 1989	18
Figura 1 –	Mapa da Nigéria, predominância étnica por região.	25
Figura 2 –	Soldados biafrenses correndo exasperados.	34
Figura 3 –	Missa celebrada pelo papa João Paulo II onde foi Biafra	36
Figura 4 –	Artista Pierre Pinocelli, no chão, protestando.	37
Figura 5 –	Protesto em Roma contra a guerra em Biafra	37
Figura 6 –	Comércio de armas de países ocidentais	40
Figura 7 –	Mulher segurando nos braços uma criança muito magra	41
Figura 8 –	Criança biafrense muito magra	41
Figura 9 –	Trecho da nota intitulada A Glória de Biafra.	47

## **LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS**

ANPUH	Associação Nacional de História
CCCS	Centre for Contemporary Cultural Studies
MNU	Movimento Negro Unificado
ONU	Organização das Nações Unidas
URSS	União das Repúblicas Socialistas Soviéticas

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO</b>	14
<b>2 CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES</b>	21
2.1 O QUE FOI BIAFRA?	21
2.2 DELIMITAÇÃO TEÓRICA	28
<b>3 DERROTA MATERIAL E O SURGIMENTO DO SÍMBOLO DA FOME.</b>	33
3.1 "TERMINAVA, ASSIM, UM DOS MAIORES MORTICÍNIOS DA HISTÓRIA"	33
3.2 SURGIMENTO DO SIMBOLO DA FOME	39
<b>4 CONSTRUINDO ALTERIDADE</b>	44
4.1 GUERRA TRIBAL OU LUTA POR LIBERDADE?	44
4.2 NORDESTE, A BIAFRA DO BRASIL	47
<b>5 CONSIDERAÇÕES FINAIS</b>	53
<b>REFERÊNCIAS</b>	57

## 1 INTRODUÇÃO

Há 53 anos, em 15 de janeiro de 1970, o general Yakubu Gowon, Chefe de Estado na Nigéria, discursava sobre a inexistência de vencedores ou perdedores a fim de marcar o encerramento do conflito entre as forças do governo central e o movimento separatista de Biafra. O conflito que se desenrolou por quase três anos, finalizou após um massacre que deixou cerca de dois milhões de mortos. A Guerra de Biafra (1967-1970) ocorreu pouco após a independência da Nigéria (1960) e de vários outros países africanos, repercutindo sistematicamente em meios de comunicação em todo o mundo.

O conflito percorreu as páginas dos principais periódicos do mundo, sobretudo a partir de meados de 1968, quando as imagens relacionadas à fome e ao mal de kawashiorkor começaram a tomar amplitude, como é possível observar na pesquisa realizada por Momar Mbaye (2014), com os jornais franceses *Le Monde*, *Le Figaro*, *La Croix* e *L'Humanité*. Mas também no Brasil, como demonstram Juvenal de Carvalho Conceição (2019), Rafael Barbosa de Jesus Santana (2020) e Mariana Licurgo Ferreira Ribeiro (2018, 2019 e 2020). No entanto, percebe-se que mesmo que o tema tenha se tornado recorrente no *Diário de Pernambuco*, ainda não se tem trabalhos que analisem essa recepção em periódicos do estado.

É curioso perceber, no entanto, que as matérias no *Diário de Pernambuco* não se encerraram com a rendição das tropas de Biafra em janeiro de 1970. Nos anos subsequentes o tema "Biafra" foi constantemente abordado pelo periódico, discutindo questões que não estavam diretamente relacionadas à guerra. Biafra se torna um adjetivo para se referir a fome, violações a Direitos Humanos e adventos negativos de maneira geral, demonstrando a dimensão que o conflito adquire e o sentido que se fixa ao antigo Estado secessionista africano, justificando a pertinência de uma análise detida dessas matérias.

De acordo com a jornalista maranhense Rosane da Silva Borges, a imprensa cria padrões de representação, buscando uma maior captação de público, que se prende a um quadro recorrente de referências. Neste processo de definição de padrões, define-se também o que está fora do padrão. Assim, a mídia contribui para cristalizar o que é aceitável ou não, moral ou não, bonito ou não, e assim, "com as informações advindas dos tentáculos midiáticos, esculpimos o outro, traço por traço" (BORGES, p.184, 2012).

Necessário pontuar que durante boa parte de sua trajetória, sobretudo no século XX, o *Diário de Pernambuco* sustentou uma postura bastante conservadora, devido às pessoas que o dirigiram: coronéis, industriais e políticos ligados ao latifúndio e às oligarquias do Estado.

De 1901 a 1913, o jornal foi presidido pelo político conservador Francisco de Assis Rosa e Silva, representante da oligarquia pernambucana. Em 1913 assumiu o Coronel Carlos Benigno Pereira de Lira, industrial e fazendeiro em Alagoas e Pernambuco (ZACARIAS, 2017; CARVALHO, 2018).

Em 1931 o jornal passou a fazer parte do conglomerado de mídia "*Diários Associados*", que já foi a maior corporação de imprensa do país, do empresário paraibano Assis Chateaubriand. Talvez pela sua articulação com setores conservadores poderosos no país, seus jornais sobreviveram tanto tempo. Faz-se também presente em muitos dos escritos do "velho Chatô" uma forte tendência anticomunista, tendo contribuído com Vargas, para detratar o revolucionário comunista Luís Carlos Prestes (SANTOS, 2016)

Ainda que tenha apoiado Juscelino Kubitschek contra a tentativa de golpe para impedir a posse do presidente, e sido a favor da posse do então vice-presidente João Goulart, Chateaubriand logo se uniu ao golpe empresarial-militar de 1964 (SANTOS, 2016). Na esfera estadual, ainda que tenha apoiado a eleição de Miguel Arraes, o jornal se tornou ferrenho opositor ao governo, quando a gestão se aproximou das lutas populares de esquerda (CARVALHO, 2018).

Tendo em vista o papel da imprensa no processo de construção e fixação de signos na cultura, compreendemos as matérias veiculadas pelo *Diário de Pernambuco* sobre Biafra dentro de um contexto de relações de poder e de consolidação da hegemonia ocidental no mundo. De acordo com o historiador Juvenal de Carvalho (2019), as representações do continente africano nos grandes veículos de imprensa nacionais, que se pautam pelo que Stuart Hall nomeou "racialização da diferença", dialogam com o processo de construção da identidade nacional e de fortalecimento das elites nacionais (CONCEIÇÃO, 2019).

O processo de construção da identidade nacional brasileira durante o século XX é fortemente influenciado pela teoria da mestiçagem desenvolvida por Gilberto Freyre. O sociólogo pernambucano possui o mérito de trazer à tona as influências culturais indígenas e africanas que compõem o país, mas por outro lado, é utilizado para substanciar o mito da Democracia Racial, uma vez que invisibiliza e silencia os conflitos e discriminações raciais no Brasil. O professor Kabengele Munanga argumenta que essa ideia dificulta o processo de construção da identidade negra, ao eliminar as diferenças raciais, e estimulando uma identidade nacional branqueada (MUNANGA, 1999).

Necessário pontuar ainda que, muito embora o Brasil possua relações históricas com o continente africano, pelos séculos de colonização e escravidão no país, o Estado brasileiro tentou de diversas maneiras apagar este legado. O Brasil iniciou em meados do século XX uma

reaproximação com o continente africano. Um marco nesse processo foram os novos direcionamentos para política externa brasileira anunciada pelo presidente Jânio Quadros em 1961 (REIS, 2021). O país que após a abolição da escravidão tentou por todos os meios apagar as heranças africanas, agora "[...]após quase setenta anos de silenciamento, voltariam seus esforços para o continente africano" (REIS, p. 24, 2021).

Após as independências no continente, conforme observa Luiza Reis, com base nos escritos do diplomata brasileiro Bezerra de Menezes, o Brasil enxergou na África novas possibilidades para investimento e crescimento nacional, visando colocar-se de maneira neocolonial como uma opção apartada das disputas entre Estados Unidos e União Soviética (REIS, 2021).

Assim, procura-se discutir nesta monografia, algumas questões acerca do processo de representação da guerra do Biafra no *Diário de Pernambuco*. O objetivo principal é compreender de que maneiras o *Diário de Pernambuco* abordou o tema Biafra no período de 1970 a 1989, buscando entender a constância de referências ao conflito ao longo de duas décadas, mesmo após o fim.

São os objetivos específicos: Discutir de que maneira Biafra se constrói enquanto símbolo de fome; Problematizar a recepção do conflito e as reelaborações feitas pelo jornal, produzindo e reproduzindo estereótipos acerca do continente africano, situando dentro de um contexto complexo de representações mais amplas acerca dos conflitos na África pós-independência; Discutir a relação que se estabelece entre Biafra e o Nordeste brasileiro, considerando o pano de fundo de problemáticas raciais no Brasil.

A escolha do marco cronológico, que compreende a África contemporânea ou pós-colonial, considera que a maior parte dos estudos hoje voltados a compreender as dinâmicas dos países que compõem este vasto continente, se reservam ao tráfico atlântico de escravizados e a colonização.

No Brasil, as pesquisas que se debruçam em aspectos políticos, culturais, artísticos e intelectuais da África estejam crescendo progressivamente, muito na esteira das reivindicações do Movimento Negro a partir da Lei 10.639, em um movimento de desconstruir os estereótipos perjurativos que perpassam o imaginário brasileiro e evidenciar as heranças africanas no Brasil.

No entanto, Leila Leite Hernandez aponta que desde a década de 1960, impulsionado pelos movimentos nacionalistas e pelas independências africanas, já era possível perceber um crescimento nos estudos africanos no Brasil e no mundo, possibilitando que os preconceitos sobre o continente começassem a ser questionados (HERNANDEZ, 2005).

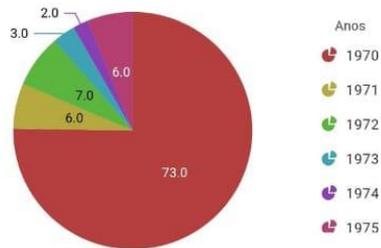
O professor José Bento traz um pouco da trajetória de consolidação dos estudos no campo da História da África e afro-brasileira, e seus desdobramentos na Universidade Federal de Pernambuco, na apresentação do livro *Cadernos de História: história e cultura africana e afro-brasileira*. O autor cita, por exemplo, a criação do GT de História da África da ANPUH no XXVI Simpósio Nacional de História e o próprio concurso no qual foi aprovado em 2008, considerado pelo autor, de certa forma, uma resposta às demandas colocadas pela lei 10.639 (SILVA, 2013).

As discussões aqui levantadas são resultado dos debates realizados no Grupo de Estudos Afrika'70: Um panorama cultural da Nigéria pós-colonial, especificamente na linha de pesquisas Relações Brasil-África, coordenado pela Professora Luiza Reis (DH/UFPE).

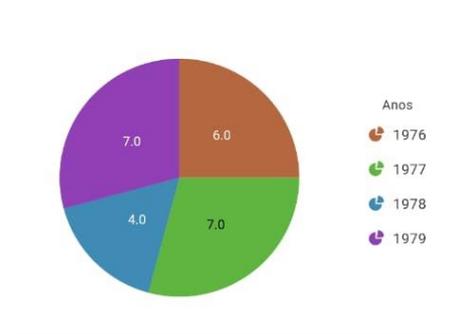
Este TCC é um desdobramento de uma Pesquisa de Iniciação Científica realizada no período de 2020 a 2021, ainda durante a pandemia do Covid 19, com tema: "GUERRA DO BIAFRA NO DIÁRIO DE PERNAMBUCO (1970 - 1984)", também sob orientação da professora Luiza Nascimento dos Reis.

*O Diário de Pernambuco* foi selecionado como fonte pela ausência de trabalhos voltados à recepção do conflito no jornal e por este ser um dos periódicos mais importantes do país, sendo o mais antigo da América Latina.

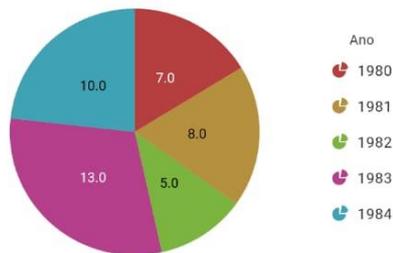
Foi realizado um levantamento na plataforma Hemeroteca Digital, disponível virtualmente, e tivemos um total de 288 páginas de resultados com a palavra-chave "Biafra". No entanto, algumas questões geram alterações no quantitativo. Algumas páginas destacam mais de uma matéria referente ao termo de busca, em 94 dessas ocorrências, o termo "Biafra" aparece em referência ao cantor e compositor brasileiro, não ao conflito secessionista na Nigéria, 1 é continuação da página anterior e 2 matérias estão ilegíveis, resultando no total de 194 matérias utilizada, conforme demonstram os gráficos baixo:

**Gráfico 1:** Matérias sobre Biafra 1970 - 1975

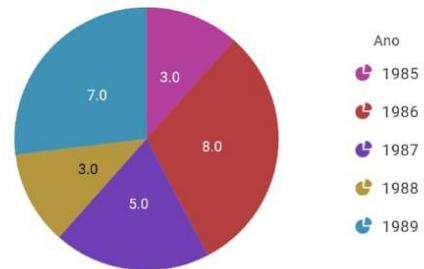
**Fonte:** O autor (2023)

**Gráfico 2:** Matérias sobre Biafra 1976 - 1979

**Fonte:** O autor (2023)

**Gráfico 3:** Matérias sobre Biafra 1980 - 1984

**Fonte:** O autor (2023)

**Gráfico 4:** Matérias sobre Biafra 1985 - 1989

**Fonte:** O autor (2023)

As matérias foram organizadas em 9 categorias, de forma a melhor trabalhá-las, utilizando como critério o conteúdo da matéria ou a forma de linguagem utilizada (ver anexo 3). São as categorias: Reação internacional (16), Atualizações do progresso da guerra (18), Referência negativa (18), Opinião (10), Comparação com outros países (53), Cartas à redação (6), Humor (4), Imagem (9), Memória (60).

**Tabela 1:** Categorização e descrição das matérias.

Categoria	Quantidade	Descrição
Reação internacional	16	Engloba os discursos de personalidades do mundo acerca do fim do conflito e matérias sobre a atuação de organizações internacionais de ajuda humanitária.
Atualizações do progresso da guerra	18	Restrito ao mês de janeiro de 1970, quando o conflito já estava prestes a terminar.
Referência negativa	18	Biafra se torna sinônimo de todo tipo de coisas negativas, sobretudo quando se trata de fome, mas englobamos aqui coisas mais simples, como gripes e medidas de governo consideradas ruins
Opinião	10	Textos da coluna Opinião, de autoria nacional ou internacional.
Comparação com outros países	53	Biafra é constantemente comparada com outros países, quase sempre por conta da fome. Na maioria das vezes as comparações foram com pessoas, cidades e lugares no Brasil, em particular a região nordeste do país.
Cartas à redação	6	Coluna Cartas de leitores
Humor	4	Tirinhas satíricas sobre a fome em Biafra.
Iconografia	9	Imagens em geral.
Memória	60	Matérias em geral que rememoram a guerra.

Fonte: O autor (2023)

A partir destas categorias foi possível realizar buscas na Hemeroteca intercruzando termos de busca, tais como: "nordeste" e "Biafra"; "nordeste" e "África"; "fome", "Nordeste" e "Biafra", a fim de melhor entender as conexões que são estabelecidas entre os termos e a frequência de aparecimento das questões.

De forma a melhor dispor o conteúdo deste Trabalho de Conclusão de Curso, facilitando o entendimento do leitor, o texto foi seccionado em 3 capítulos. O primeiro traz discussões preliminares para um melhor entendimento do conteúdo. Discutiremos brevemente no primeiro subcapítulo o processo de independência da Nigéria e as problemáticas étnicas, religiosas, sociais, econômicas, políticas e geopolíticas que levaram à guerra civil.

Em seguida, prezando por maior precisão teórica, realiza-se uma breve apresentação acerca da perspectiva dos Estudos Culturais, situando o objeto de pesquisa, e em seguida discutir brevemente os conceitos de representação, alteridade e diferença dentro da perspectiva de autores como Homi Bhabha e Stuart Hall.

O segundo capítulo se detém em matérias acerca do fim do conflito, focando principalmente nas imagens de fome e nas manchetes relacionadas à ajuda humanitária, discutindo questões da problemática guerra/genocídio, principal ponto de disputa narrativa entre Biafra e a Nigéria.

No último capítulo, levanta-se discussões sobre as formas de representar a guerra, enfatizando discussões acerca do uso dos termos tribos e etnia, utilizados com frequência pelos jornais do mundo inteiro para descrever não só o conflito de Biafra, mas guerras em África de maneira geral, considerando o aspecto colonial que os termos adquirem no seio das Ciências Sociais com o objetivo de fixar a diferença racial.

Discute-se ainda no último capítulo as relações que se estabelecem entre Biafra e o Nordeste, a região mais negra do Brasil (passando por um período de seca intensa e fome), e Biafra, já anexada à Nigéria, mas ainda significada enquanto lugar de fome.

## 2 CONSIDERAÇÕES PRELIMINARES

No primeiro subcapítulo, intitulado "O que foi Biafra?" aborda-se um pouco da história política da Nigéria, partindo de sua independência, e explicando questões que podem ter contribuído para os golpes em 1966 e a posterior secessão e guerra civil. O segundo subcapítulo intitula-se "Delimitação teórica", no qual se pretende precisar os pressupostos teóricos utilizados nesta pesquisa.

### 2.1 O QUE FOI BIAFRA?

A segunda metade do século XX foi marcada profundamente pelos movimentos de luta anti-coloniais que puseram fim ao longo histórico de exploração dos povos africanos através da escravidão atlântica (séculos XVI-XIX) e da colonização por países europeus (XIX e XX). Esses movimentos adquiriram destaque internacional sobretudo na década de 60, ano considerado pela Organização das Nações Unidas (ONU) como "o ano da África", onde cerca de 17 países africanos, a maioria de colônia francesa, tornaram-se independentes.

Com as imagens da Guerra do Congo percorrendo o mundo, os jornais noticiavam com expectativa as negociações para a independência da Nigéria. A conquista da independência do país, assim como as demais nações sob colonização inglesa, ainda que tenha sido caracterizada pela "descolonização sem sangue", conforme classifica o jornal *Negritude* do Movimento Negro Unificado (MNU) em 1993, foi fruto de mobilizações sociais de cunho nacionalista.

De acordo com Falola (2020), os movimentos nacionalistas que posteriormente puseram fim ao colonialismo em África, surgem na maioria dos países a partir de intelectuais africanos educados no ocidente. Exigiam inicialmente mudanças e reformas no sistema colonial, com o tempo passaram a reivindicar o fim do domínio europeu (FALOLA, 2020, P. 46). O número de nigerianos estudando na Europa e nos Estados Unidos cresceu, esses grupos paulatinamente se fortaleceram, criaram associações e partidos políticos regionais divididos em grande medida por linhas étnicas. (FALOLA, HEATON, 2008, p.137).

Um marco no processo de fortalecimento dos movimentos nacionalistas em África foi o discurso do imperador Haile Selassie da Etiópia em 1936, um dos últimos Estados africanos a permanecer livre do jugo colonial, criticando as teorias racialistas que justificavam a barbárie europeia no continente. O discurso foi dado à Liga das Nações após a invasão italiana à Etiópia em 1935 (FALOLA, 2020).

A segunda guerra mundial se encerrou em 1945, mas os nigerianos ainda foram forçados a conviver com os problemas de longa data: pobreza e repressão, o que alimentou o sentimento nacionalista de muitos nigerianos. Em 1950, grupos nacionalistas começaram a se articular mais fortemente em torno da pauta da independência. Com cada vez mais capacidade de organização e mobilização, com manifestações e greves contra o sistema colonial britânico, o governo colonial cedeu gradativamente às pressões dos nacionalistas (FALOLA, HEATON, 2008, p.146)

Para evitar uma guerra pela descolonização e manter a dominação econômica no país, os ingleses optaram por "fazer uma retirada tática para dar um golpe de mestre" (ACHEBE, p. 46, 2012). Desta forma, evitando uma maior radicalização dos movimentos, os ingleses uniram-se aos líderes tradicionais conservadores para negociar a transferência de poder (FALOLA, 2020, p.179).

De fato, após a independência, com a subsequente descoberta do petróleo e a disponibilidade de crédito europeu, os nigerianos encheram-se de esperanças quanto ao futuro do país. No entanto, hoje, além de ser o país mais populoso do Continente Africano e um dos mais populosos do mundo, é difícil encontrar na Nigéria uma referência ao adjetivo de gigante. Na verdade, o tamanho do país apenas tornou seus problemas muito maiores e difíceis de administrar (FALOLA, 2020, P. 175).

O texto intitulado "is the Nigeria still the giant of Africa", publicado pelo jornal britânico The Guardian em 2017, fazendo referência a grande expectativa dos nigerianos e do mundo com relação ao progresso do país no período da independência, colocando em dúvida o merecimento do país pelo título, ao narrar os muitos problemas enfrentados pelo "Gigante Africano".

Ditaduras, golpes militares, guerras, corrupção e violência de maneira geral são temas recorrentes nas mídias ocidentais acerca da história política recente de muitos Estados africanos. Para Falola, os governos criados nas independências, herdaram da experiência colonial o anti-desenvolvimento e uma ideia autoritária de poder (FALOLA, 2020, p.162). As instituições, as leis e o modelo de administração colonial foram, em grande medida, replicados. Desta forma, as nações africanas trouxeram consigo no novo mundo em construção, muito das mazelas da colonização.

Com relação à economia, com o passar dos anos percebeu-se que o país passou a depender cada vez mais de investimentos estrangeiros, a maior parte de suas indústrias eram estrangeiras (ainda que houvesse um forte discurso pela independência econômica)

e os investimentos públicos e a mão de obra no setor agrícola diminuíram progressivamente, fazendo o país importar alimentos em quantidades crescentes.

Analisando o contexto geral dos países africanos após a descolonização, Mudimbe (2019) argumenta que mesmo com grande potencial econômico, os países dependentes não têm capacidade, em suas palavras, para o desenvolvimento autônomo dentro da estrutura do sistema capitalista, onde necessariamente uma parte se desenvolve às custas de outras.

Nesse sentido, o desenvolvimento da Europa e o subdesenvolvimento da África têm uma origem comum que remonta ao século XV, quando da internacionalização da economia. O tipo de relação comercial estabelecida nesse período, desenvolveu a Europa econômica e tecnologicamente, enquanto a África foi cada vez mais sugada e subdesenvolvida através da "repatriação dos lucros" da exploração da terra africana e do tráfico de escravizados (RODNEY, 1975).

Acrescenta-se a esse panorama a instabilidade política que se tornou uma constante das Democracias africanas independentes. No caso nigeriano, a fragilidade da independência se mostrava desde o momento em que foi proclamada, por conta das disputas étnicas por poder que podiam ser verificadas mesmo dentro dos primeiros movimentos nacionalistas (FALOLA, HEATON, 2008).

A origem das tensões remontam à colonização britânica, que fundiu sob uma mesma federação grupos culturalmente tão distintos. A questão é agravada quando, partindo de concepções racialistas, a Inglaterra, acreditando que os Ibos, por serem cristãos, seriam culturalmente mais próximos do ideal de civilização europeu, e assim mais promissores. Então, os colonos britânicos "rapidamente começaram a desenvolver o oriente como um centro de educação e administração" (THOMAS; FALOLA, 2020, p.108).

Assim, as divisões regionais e étnicas observadas mesmo durante a administração britânica, foram aprofundadas pouco a pouco após a independência e o país assistiu a uma luta desenfreada dos partidos políticos para obter ou manter o controle das Assembleias Federais Regionais, uma vez que isso implicava, por conseguinte, o controle da distribuição de recursos (FALOLA E HEATON, 2008, p. 165).

A campanha eleitoral de 1964 na Nigéria ilustra o aprofundamento das tensões. O processo foi marcado por fraudes, mergulhando os meses que se sucederam em violência e caos. Até que, revoltados com a corrupção e a inabilidade do governo em trabalhar pelos interesses de todos, um grupo de militares, liderados pelo general Ironsi, deu início ao primeiro golpe militar da história do país em janeiro de 1966, resultando no assassinato do Primeiro Ministro Tafawa Balewa e diversas figuras políticas importantes no norte.

No entanto, um conjunto de movimentos mal calculados fez com que os nortistas nutrissem receio e desconfiança contra Ironsi, que sendo ibo, foi acusado de privilegiar as pessoas de mesma etnia ao decidir centralizar o governo através do Decreto nº 34 de 24 de maio de 1966, que aboliu o sistema federal.

Com a perspectiva de serem administrados por funcionários do sul e sua região ocupada por oficiais sulistas, o norte interpretou esses movimentos como uma tentativa de dominação ibo. Com o argumento de não permitir que o norte seja subjugado pelos ibos, um grupo de suboficiais, entre eles Yakubu Gowon, que viria a ser o próximo chefe de Estado do país, capturaram e executaram Ironsi, iniciando um contra-golpe haussa (FALOLA, HEATON, 2008, p. 175).

Por conta do decreto assinado por Ironsi, no período de maio a setembro de 1966, uma onda de ataques contra civis da Nigéria Oriental que viviam no norte, em sua maioria igos, deixou cerca de 100 mil mortos. Com isso, o governador igbo Odumegwu Ojukwu, orienta a todos os igbos vivendo no norte que retornem para sua terra, de igual modo, que todos os haussa/fulani vivendo na região oriental, retornassem ao norte.

**Figura 1:** Mapa da Nigéria, predominância étnica por região.



**Fonte:** Falola; Heaton, 2008).

Assim, de acordo com o documento oficial de Proclamação da República, em maio de 1967, Ojukwu declara:

TENDO me autorizado a proclamar em seu nome, que a Nigéria Oriental seja uma República soberana e independente, AGORA, PORTANTO, EU, TENENTE-CORONEL CHUKWUEMEKA ODUMEGWU OJUKWU, GOVERNADOR MILITAR DO LESTE DA NIGÉRIA, EM VIRTUDE DA AUTORIDADE, E DE ACORDO COM OS PRINCÍPIOS, RECITADOS ACIMA, FAZEM AQUI POR PROCLAMAÇÃO SOLENE NO TERRITÓRIO E REGIÃO CONHECIDO E CHAMADO NIGÉRIA ORIENTAL, JUNTO COM SUA PLATAFORMA CONTINENTAL E ÁGUAS TERRITORIAIS, SERÁ, A PARTIR DESTA

MOMENTO, UM ESTADO SOBERANO INDEPENDENTE DE NOME E TÍTULO DE "REPÚBLICA DE BIAFRA" (BIAFRA, 1967).<sup>1</sup>

Para o governo central, era urgente a reanexação de Biafra. O argumento oficial parte da premissa de que, permitindo a secessão e reconhecendo o Estado de Biafra, estes poderiam se tornar um exemplo de auto-determinação para outros grupos étnicos, e então poderiam, igualmente, declarar suas independências, ameaçando a unidade do país ainda em forja.

Este foi também o argumento utilizado por muitos países africanos recém independentes para declarar apoio à Nigéria e não reconhecerem o Estado biafrense. Assim, em 6 de julho de 1967, após seguidas e fracassadas tentativas de acordo para reanexação, Gowon declara guerra contra Biafra.

Faz-se necessário mencionarmos, no entanto, para além de todas as problemáticas internas que contribuíram para fragilizar a recém-nascida democracia nigeriana, o papel decisivo que potências estrangeiras tiveram no estopim e no financiamento militar do conflito que se prolongou por quase 3 anos.

A Organização da Unidade Africana em 5 de agosto de 1968, ele acusou a FMG de travar uma 'guerra genocida' contra Biafra, e argumentou que era 'espantoso' que 'este genocídio palpável esteja sendo abertamente financiado e dirigido por grandes potências NÃO AFRICANAS cujos interesses no caso é a vantagem econômica e política de seus próprios países (SMITH, 2018, p. 142).<sup>2</sup>

Apesar de uma perspectiva um tanto reducionista por um viés econômico, eliminando as razões da população civil envolvida no conflito, Ziegler (2011) traz importantes contribuições para a compreensão da dimensão internacional que a guerra civil tomou. O autor traz o papel das empresas petrolíferas Elf e Shel, cujos conflitos entre si foram parte das razões para eclosão da guerra.

---

<sup>1</sup>No original: HAVING mandated me to proclaim on your behalf, and in your name, that Eastern Nigeria be a sovereign independent Republic, Now THEREFORE, I, LIEUTENANT-COLONEL CHUKWUEMEKA ODUMEGWU OJUKWU, MILITARY GOVERNOR OF EASTERN NIGERIA, BY VIRTUE OF THE AUTHORITY, AND PURSUANT TO THE PRINCIPLES, RECITED ABOVE, DO HERE BY SOLEMNLY PROCLAIMTH AT THE TERRITORY AND REGION KNOWN AS AND CALLED EASTERN NIGERIA TOGETHER WITH HER CONTINENTAL SHELF AND TERRITORIAL WATERS SHALL HENCE FORTH BE AN INDEPENDENT SOVEREIGN STATE OF THE NAME AND TITLE OF "THE REPUBLIC OF BIAFRA.

<sup>2</sup> No original: The Organisation of African Unity on 5 august 1968 he accused the FMG of waging a 'genocidal war' against Biafra, and argued that it was 'appalling' that 'this palpable genocide is being openly financed and directed by major NON- African powers whose interest in the event is the economic and political advantage of their own country'.

Durante a independência, em 1960, os campos de petróleo e de gás e as jazidas offshore estavam sob o controle férreo das sociedades petrolíferas e gasíferas anglo-saxãs e holandesa. Nnamdi Azikiwe <sup>3</sup>tentou afrouxar a pressão: cedeu concessões e outras empresas europeias, em particular à sociedade francesa Elf. O golpe de Estado militar do coronel Yacubu Gowon tornou inválida a concessão da Elf no dia 29 de julho de 1966. Em Paris, o general De Gaulle, furioso, recusou-se a aceitar a evicção da companhia petrolífera francesa. Ele ordenou então só serviço secreto francês, que dispunha de uma base importante no vizinho Gabão, que organizasse a defesa dos interesses estratégicos da França (ZIEGLER, 2011, p. 147).

Um pouco na contramão do argumentado por Jean Ziegler, o historiador Toyin Falola coloca que, Inicialmente, os países ocidentais escolheram não se envolver no conflito, aguardando para apoiar quem tivesse maior probabilidade de vencer a guerra, como Estados Unidos e Inglaterra, muito embora a União Soviética tenha prontamente aceitado os apelos da Nigéria.

De todo modo, o fato é que França e Inglaterra, tiveram motivações mais diretas para o envolvimento no conflito, mas outros países, em sua maioria europeus, participaram do conflito através da venda de material bélico. Dentro do próprio continente africano temos o Egito, que também vendeu materiais bélicos para a Nigéria.

Biafra teve um pouco mais de dificuldade para angariar aliados, pois muitos países africanos temiam que o exemplo de Biafra fosse replicado em seus territórios. A própria Organização da Unidade Africana (OUA) se negou a se envolver.

No entanto, a guerra começou a mudar em favor de Biafra como resultado do trabalho realizado pela empresa de marketing contratada pelo estado secessionista, disparando para o mundo inteiro as imagens das esqueléticas crianças biafrenses sob o discurso de que estaria ocorrendo um massacre, logo após o governo federal decidir impor um bloqueio a Biafra, impedindo a chegada de alimentos e remédios em 1968, causando uma grande crise alimentícia, que levou muitos biafrenses a morrerem de fome.

De fato, conforme argumentam Falola e Heaton, a ajuda internacional contribuiu decisivamente a favor de Biafra, resultando no prolongamento do conflito.

O discurso de Biafra comoveu o mundo, resultando no reconhecimento oficial por parte de países como Tanzânia, Gabão, Costa do Marfim e Zâmbia. Israel se identificava com a causa de Biafra e a China viu na situação uma oportunidade de se projetar como uma liderança comunista acima da URSS. Portugal, ainda que não se saiba exatamente o motivo, e não tenha declarado apoio oficialmente, ajudou Biafra militarmente, conforme descreve o escritor cabo-verdiano Fernando Cavaleiro Ângelo:

---

<sup>3</sup> Líder nacionalista e primeiro presidente da Nigéria.

As entregas de material militar voavam, a partir de Lisboa, a bordo de uma esquadrilha de L-1049 Super Constellation adquirida em diferentes partes da Europa e dos Estados Unidos da América. O negócio envolvia um conjunto de ações clandestinas, como a utilização, nas aeronaves, de números de registo falsos, sobretudo mauritanos. Na maioria das vezes, os números nem estavam pintados no avião. Em finais de 1967, Wharton operava uma média de dois ou três voos por semana desde o aeroporto da Portela, em Lisboa, até ao aeroporto de Faro, onde as armas eram carregadas, na calada da noite. Durante a alvorada, as aeronaves zarpavam com destino ao Biafra (ÂNGELO, 2018, pág 170).

O conflito tornou-se mais conhecido nos dias de hoje através do livro de Chimamanda Ngozie Adichie, *Meio Sol Amarelo*, onde a autora descreve a situação de uma família Ibo de classe média durante a guerra civil. Mesmo esta família de professores universitários, considerada abastada, sofreu com os horrores da guerra. E em determinado momento, precisaram, tal qual as pessoas mais pobres de Biafra, lutar por um prato de comida.

A autora traz descrições detalhadas, a partir das fontes orais e documentais que consultou, acerca de todo o processo, desde os golpes, passando pelas adversidades impostas pela guerra, até a apreensão dos Ibos no pós guerra, temerosos de um massacre (ADICHIE, 2008).

Biafra foi reintegrada à Nigéria em 15 de janeiro de 1970, após dias de negociações entre o governo federal e o coronel Phillip Effiong, então presidente de Biafra, após Ojukwu ser derrubado em golpe pacífico por oficiais que desejavam a rendição. O conflito deixou aproximadamente de um a três milhões de mortos, cerca de três milhões de desabrigados, e muitos outros passando fome.

## 2.2 DELIMITAÇÃO TEÓRICA

Não é incomum encontrarmos trabalhos que buscam compreender a África enquanto uma construção discursiva no Brasil, ainda que em geral, não se perceba muita precisão teórica e metodológica no que procuram. São as ideias de África que lhe preocupam, as imagens, ou ainda, as representações? Conforme avalia Conceição (2019) ao realizar um balanço dessas pesquisas, os termos são colocados sem explicação e muitas vezes tratados como sinônimos.

Desta forma, este trabalho será guiado pelos conceitos de representação, postulado por pesquisadores da cultura como o sociólogo britânico-jamaicano Stuart Hall, considerado um dos fundadores dos Estudos Culturais, e o indiano-britânico Homi Bhabha, hoje uma importante referência nos estudos pós-coloniais e decoloniais.

Mas o conceito é fruto de uma forma particular de pensar a cultura que ganha forma a partir dos Estudos Culturais, que surge a partir do Centre for Contemporary Cultural Studies (CCCS), centro de pesquisas ligado à Universidade de Birmingham, fundado em 1963 por Richard Hoggart, que mais tarde adquire destaque sob a presidência de Stuart Hall em 1968.

No entanto, destacam-se 3 trabalhos principais que são considerados fundantes dos Estudos Culturais: “As Utilizações da Cultura” de Richard Hoggart, “Cultura e Sociedade” de Williams e “A Formação da Classe Operária Inglesa”, de Edward Thompson, considerados marcos de ruptura na forma de pensar a cultura.

De acordo com Stuart Hall, os Estudos Culturais não eram apenas um projeto intelectual, mas um projeto político, sendo fortemente influenciados pela emergência da primeira New Left britânica em meados da década de 50. Desta forma, a forma particular de enxergar a cultura dentro dos Estudos Culturais converge com as transformações na cultura capitalista britânica no pós-guerra, uma vez que:

foi um período de um nível extraordinariamente alto de riqueza econômica e crescimento econômico sustentado, como a economia britânica não tinha visto neste século (vinte). Foi, comparativamente, um período notável, e seu impacto nas relações sociais e nas atitudes culturais foi profundo. Claro, essas grandes mudanças não foram apenas resultado das mudanças econômicas, mas também das condições excepcionais da própria guerra (HALL, 2016, p. 05).

Ainda que haja um rompimento com a maneira tradicional e elitista de enxergar a cultura como a soma do que uma sociedade produziu de melhor e com o economicismo marxista de pensar a cultura como um simples reflexo da estrutura econômica, não existe uma definição única de cultura dentro dos Estudos Culturais.

Assim, partiremos de uma noção de cultura muito influenciada pela chamada "virada cultural", que põe a cultura no centro das discussões e é fortemente influenciada pelas discussões em torno da linguagem. De acordo com Stuart Hall, "cultura não é nada mais do que a soma de diferentes sistemas de classificação e diferentes formações discursivas aos quais a língua recorre a fim de dar significado às coisas" (HALL, 1997, p.29). De forma a exemplificar:

[...] Entretanto, a identificação que fazemos da mesma como "pedra" só é possível devido a uma forma particular de classificar os objetos e de atribuir significado aos mesmos (isto é, a palavra pedra vista como parte de um sistema de classificação que diferencia pedra de ferro, madeira, etc.; ou, por outro lado, num sistema de classificação diferente - a pedra, em oposição ao penedo, rocha, seixo, etc (HALL, 1997, p. 28).

Desta forma, a definição de cultura utilizada por Stuart Hall, nos leva diretamente ao conceito de representação, uma vez que a representação é uma das práticas que produz cultura

(HALL, p. 17, 2016). Neste sentido, fazer parte da mesma cultura significa atuar no mundo a partir de um conjunto de referenciais compartilhados. Para Hall:

Afirmar que dois indivíduos pertencem a mesma cultura equivale a dizer que eles interpretam o mundo de maneira semelhante e podem expressar seus pensamentos e sentimentos de forma que um compreenda o outro. Assim, a cultura depende de que seus participantes interpretem o que acontece ao seu redor e “dêem sentido” às coisas de forma semelhante (HALL, 2016, P.17).

Stuart Hall diferencia 3 definições para representação. A primeira, é a reflexiva, de acordo com a qual o significado é fixado no objeto em si, e nesse sentido representar significa espelhar ou imitar o objeto de referência através da linguagem. Stuart Hall esclarece:

Claro que há certa verdade óbvia nas teorias miméticas de representação e linguagem. Como nós pontuamos, signos visuais realmente carregam alguma relação com o formato e a textura dos objetos que eles representam. Mas, assim como também já mencionamos, uma imagem visual bidimensional de uma rosa é um signo - ele não deve ser confundido com a planta real com espinhos e flores (HALL, 2016, P.47)

A segunda perspectiva é denominada intencional. Aqui o sentido é deslocado do objeto ao interlocutor. Essa noção também guarda certa validade, uma vez que todo e qualquer discurso é parcial e é permeado por nossas preferências, desejos e opiniões. No entanto, ao limitar a atribuição de sentidos apenas aos indivíduos, elimina-se a possibilidade de diálogo. Uma vez que, para existir diálogo, é necessário haver “convenções linguísticas e códigos compartilhados” (HALL, 2016, p.48).

A terceira forma de entender a representação é construtivista, divergindo de ambas as perspectivas anteriores, uma que não concebe o sentido fixado nas coisas ou nos indivíduos, mas reconhece o aspecto cultural da representação. Desta forma não podemos reproduzir o mundo como ele é, tampouco possuímos os sentidos da linguagem, pois “as coisas não significam, nós construímos sentido, através de sistemas representacionais - signos e conceitos” (HALL, 2016, p. 48).

Faz-se necessário colocar que nessa perspectiva consideramos a linguagem em sentido plural, não restrito à fala ou a escrita, mas para além disso, inclui-se a música, as imagens, os gestos, expressões faciais, e até a moda e as luzes do semáforo podem ser entendidas como um sistema de linguagem (HALL, 2016)

Desta forma, o processo de produção de sentidos se dá através da relação entre dois sistemas de representação. O primeiro deles, é o sistema de conceitos. O conjunto de imagens que fazem referências às coisas no mundo. Para Hall, esse sistema abarca:

[...] Toda ordem de objetos, sujeitos e acontecimentos é correlacionada a um conjunto de conceitos ou representações mentais que nós carregamos. Sem eles jamais conseguiríamos interpretar o mundo de maneira inteligível. [...] Este sistema possibilita que façamos referência a coisas tanto dentro quanto fora da nossa mente (HALL, 2016, p. 34)

O segundo sistema de representação necessário para que haja produção de sentidos é a linguagem. O conjunto de palavras, sons, imagens e gestos, ou formas de linguagem diversas, que carregam sentido, são denominados signos e estes representam nosso mapa conceitual. As relações entre conceitos e signos são fixados pelos códigos. Os códigos permitem que membros de uma mesma cultura entendam, por exemplo, que o conjunto de letras que formam determinada palavra entendam que ela representa um determinado conceito em específicos e possam estabelecer diferenças e semelhanças (HALL, 2016).

O papel da diferença no processo de representação nos leva, para os fins desta monografia, a pensar um outro conceito. As representações racializadas acerca da África e dos africanos se dá, em diversos momentos da história, a partir da prática da estereotipagem, considerada por Homi Bhabha a principal estratégia discursiva do colonialismo (BHABHA, 1998).

Grosso modo, pode-se dizer, que a estereotipagem é uma prática representacional onde identidades ou lugares considerados diferentes são generalizadas em um conjunto de características essencializadoras e reducionistas. De acordo com Hall (2016), o estereótipo fixa e naturaliza a diferença, tornando-se impossível livrar-se da subalternidade.

É preciso pontuar que o estereótipo não significa uma afirmação de mentiras, mas no entanto reduz pessoas e lugares a uma ou poucas características "simples, vívidas, memoráveis, facilmente compreendidas e amplamente reconhecidas" (HALL, 2016, p.191), que em seguida são exageradas e repetidas *ad eternum*. E assim, o estereótipo cria limites, estabelece diferenciações, define e fixa lugares. Cria uma fronteira simbólica entre o que deve ser apreciado e o que deve ser rejeitado, entre o patológico e o sadio, entre "nós" e os "Outros". Para Homi Bhabha o estereótipo reside na ambivalência entre o que está sempre no mesmo lugar e ao mesmo tempo precisa ser constantemente repetido (BHABHA, 1998).

De acordo com Richard Dyer, citado por Hall, uma importante característica do estereótipo é o etnocentrismo, uma vez que as definições e categorizações de "bom" e "ruim" nascem de pressupostos de uma cultura e generalizada às outras. A grosso modo, é um processo de medir o mundo com parâmetros pretensamente universais, mas que são provinciais, conforme pontua Asante.

No próximo capítulo desta monografia analisaremos as representações do Diário de Pernambuco sobre a guerra do Biafra no período de 1970 à 1979 sob a luz dos conceitos aqui brevemente apresentados.

### **3 DERROTA MATERIAL E O SURGIMENTO DO SÍMBOLO DA FOME.**

No subcapítulo intitulado "Terminava, assim, um dos maiores morticínios da história", pretendemos mostrar como o jornal cobriu as negociações para o cessar fogo, enfocando a questão da ajuda humanitária e dos discursos internacionais acerca pedindo o fim da guerra. No subcapítulo intitulado "Surgimento do Símbolo da Fome", pretendemos discutir aspectos da estratégia de propaganda de Biafra na guerra e seus objetivos, que vieram a determinar a forma que o conflito foi visto pelo mundo.

#### **3.1 "TERMINAVA, ASSIM, UM DOS MAIORES MORTICÍNIOS DA HISTÓRIA"**

A primeira edição do Diário de Pernambuco no ano de 1970 destaca que: "O Brasil chega ao novo ano sob o signo da esperança", uma vez que o país teria atravessado a década de 1960, marcada por conflitos violentos, como uma exceção, ainda que não tenha sido em um primeiro momento. Pois, de acordo com o jornal, com o risco de revolução, o país precisou fortalecer as instituições e impor a ordem legal, ou seja, em referência ao Golpe Empresarial-Militar de 1964. Desta forma, a segunda metade da década de 1960, já sob regime ditatorial, teria pacificado a sociedade. O texto finaliza afirmando que no meio de tanta violência, o lugar do país é ao lado da ONU e do Papa Paulo VI (SOB...1970, p, 04).

12 anos após Biafra se render, o papa realiza visita ao continente africano, conforme registrado pelo Diário em 11 e 13 de fevereiro de 1982, visitando a região que um dia tinha sido Biafra. O jornal, não esquecendo da guerra civil, revela, no entanto, que o papa sequer tocou na questão, e se limitou a celebrar uma missa na região predominantemente católica.

Durante o mês de janeiro de 1970 o Diário de Pernambuco dedicou-se a cobrir o andamento das negociações entre o governo federal nigeriano e o general Effiong, que assumiu o posto de líder de Biafra após derrubar Ojukwu através de um golpe pacífico. O conflito teve fim após dias de negociações. No período de 11 a 16 de janeiro o jornal dedicou sete matérias de destaque sobre as negociações do fim do conflito. Em 16 de janeiro, o jornal divulga imagem de soldados correndo felizes, aparentemente, no aeroporto de Uga, conforme descrição do jornal:

**Figura 2:** Soldados biafrenses correndo exasperados.



**Fonte:** Diário de Pernambuco, 1970

Contudo, o assunto de maior recorrência com referência a Biafra nos primeiros dias de 1970 foi a comoção internacional acerca da possibilidade de chacina do governo nigeriano contra os sobreviventes biafreses do conflito.

Heerten e Moses (2018) pontuam que Biafra inaugurou uma nova era de catástrofes humanitárias, uma vez que essa foi transmitida por jornais e televisão. O autor nomeou de "a Era do desastre assistido".

Neste período, diversos comitês de ajuda humanitária, que posteriormente tornaram-se ONGs, foram criados com o objetivo de levantar fundos para ajudar o povo de Biafra, a exemplo do Médicos sem Fronteiras francês (HEERTEN; MOSES, 2018).

Deste modo, Biafra é alvo da comoção de escritores, jornalistas, líderes religiosos e políticos. Um exemplo é o texto "Uma Biafra arruinada mas genocídio não", escrito originalmente em inglês pelo jornalista e romancista afro-americano William Gardner Smith, conhecido por seus romances de protesto social negro.

O texto foi traduzido e republicado pelo Diário de Pernambuco, onde o escritor descreve as dificuldades enfrentadas pelo povo de Biafra no pós-guerra. O medo, as crianças internadas com desnutrição severa, as agressões aos Direitos Humanos por parte de oficiais nigerianos e o cenário de devastação.

Temos ainda diversas matérias protagonizadas pelo então Papa Paulo VI. O primeiro papa a receber em Roma 3 líderes revolucionários: Agostinho Neto<sup>4</sup>, Amílcar Cabral<sup>5</sup> e Marcelino dos Santos<sup>6</sup>, onde supostamente teria dado apoio às aspirações anti-coloniais dos revolucionários.

No entanto, o papa, ao receber convite da Nigéria para uma visita, se nega, temeroso das repercussões políticas do ato em plena guerra civil. Em seguida, aparece nas páginas do Diário suplicando pelo fim do conflito, conforme a matéria "A angústia de Paulo VI", onde, mais uma vez, pede que as autoridades nigerianas cessem o genocídio e poupe os sobreviventes.

Ainda o papa Paulo tenha se envolvido desta maneira com conflito, pedindo o fim da guerra e que a Nigéria não massacre os inocentes que sobreviveram, o novo papa João Paulo II, quando visitou o continente africano na década de 80, especificamente a região onde outrora se constituía a República Independente de Biafra, região majoritariamente ocupadas por cristãos, o papa nada mencionou acerca do acontecido.

Nas matérias intitulada "João Paulo II inicia amanhã visita a 4 países Africanos", de 11 de fevereiro de 1982, "Peregrino africano", de 13 de fevereiro de 1982, e "Papa celebra missa nas selvas de Biafra", de 14 de fevereiro de 1982, o jornal fala da visita do papa à região após 12 anos da guerra, e que o papa se reservou a celebrar missas.

**Figura 3:** Missa celebrada pelo papa João Paulo II onde foi Biafra.

---

<sup>4</sup> Médico, escritor e revolucionário angolano, membro do Movimento Popular pela Libertação de Angola (MPLA).

<sup>5</sup> Agrônomo e teórico marxista de Guiné-Bissau e Cabo Verde e criador da Frente Revolucionária Africana para a Independência Nacional das Colônias Portuguesas

<sup>6</sup> poeta moçambicano e criador da Frente de Libertação de Moçambique (FRELIMO)

## Papa celebra missa nas selvas de Biafra



Forte esquema de segurança está sendo cumprido em todo o roteiro do Papa

LAGOS — O Papa João Paulo II viajou para a região sudeste da Nigéria, onde se concentra a maioria da população cristã do país e que foi palco da brutal guerra civil da Biafra, na qual se calcula que morreram quatro milhões de pessoas. João Paulo foi de avião até Enugu, onde seguiu de helicóptero até a cidade de Onitsha, para celebrar uma missa numa clareira aberta na selva, no último mês. A rádio de Lagos disse que mais de dois milhões de pessoas assistiram à missa, na qual o Papa enfatizou os valores da vida familiar.

"Os modernos inimigos da família, a perturbação da degradação de valores fundamentais — divórcio, contracepção e aborto — não poupam o vosso país", disse ele, tocando ainda na questão da poligamia, que continua a ser um problema para os missionários católicos em partes da Nigéria.

"Existem algumas sombras, vossa cultura

tradicionalmente não exclui a poligamia embora a maioria dos casamentos tenha sido monogâmico. As vezes as mulheres são privadas de alguns de seus direitos". João Paulo também dirigiu a uma palavra de conforto para os casais sem filhos, que são marginalizados na sociedade voltada para a reprodução, que tem uma população que se aproxima dos 100 milhões. "Sei que em vossos pais o casal sem filhos carrega uma cruz pesada. Aos casais que não podem ter filhos, eu digo: Vocês não são menos amados por Deus, vosso amor mútuo e completo é frutífero quando se abre para outros, para as necessidades do apostolado, às necessidades dos pobres, às necessidades dos órfãos, às necessidades do mundo". O Papa não mencionou a guerra civil na qual a tribo secessionista dos ibos, que são predominantemente cristãos, tentou criar o Estado independente cristão.



João Paulo II ao receber um buquê de flores de uma agraça no aeroporto

Fonte: Diário de Pernambuco, 1982

Ainda que o jornal tenha dito que o papa não poderia esquecer "a tragédia de Biafra, genocídio praticado contra os ibos", aparentemente o conflito passou despercebido. O jornal afirma que: "o papa não mencionou a guerra civil na qual a tribo secessionista dos ibos tentou criar o Estado independentemente cristão, tentou criar o Estado Independente de Biafra" (PAPA..., 1982, p.17).

O papa se reservou a falar sobre a necessidade de preservar os valores da família contra seus inimigos: a degradação de valores fundamentais, divórcio, contracepção e abortos. O papa criticou ainda a poligamia na Nigéria e a privação de alguns direitos às mulheres.

No entanto, o jornal não se furta de rememorar o acontecido, e se refere ao leste nigeriano, onde ocorreu a missa, como o "cruel cenário da guerra de Biafra". Diz ainda que embora a população de cristãos seja minoritária na Nigéria, o país ainda possui o terceiro maior contingente de cristãos do continente africano e é considerado "veículo de esperança" para a Igreja Católica.

A comoção não se restringe a figuras públicas e autoridades, mas percebemos também protestos e manifestações da população civil de diversos países do mundo. O teor das reivindicações eram semelhantes, como a preocupação com as vítimas da fome gerada pelo cerco em 1969 e a epidemia do kawashiorkor,<sup>7</sup>

<sup>7</sup> Doença causada pela deficiência de proteínas.

No entanto, dois fatores diferenciam. Por um lado, a ausência de menção de temor a um possível massacre após a rendição dos biafrenses, por outro, houve a responsabilização de países europeus que faturaram com a guerra, conforme exemplificam as imagens abaixo:

**Figura 4:** Artista Pierre Pinocelli, no chão, protestando.



Fonte: Diário de Pernambuco, 1970

**Figura 5:** Protesto em Roma contra a guerra em Biafra.



Fonte: Diário de Pernambuco, 1970

A manifestação de protesto mais emblemática foi publicada pelo Diário em 14 de dezembro de 1980, por um ato de John Lennon 10 anos antes. O vocalista dos Beatles teria

devolvido o título honorífico de Membro do Império Britânico entregue pela Rainha Elizabeth II em 1965, em protesto contrário à participação da Inglaterra nos conflitos Nigéria - Biafra e Estados Unidos - Vietnam<sup>8</sup>.

Pode-se questionar, como um conflito restrito a um país africano tomaria tamanha repercussão internacional? Neste ponto, cabe mencionar, no entanto, que a disputa discursiva em torno do caráter da guerra foi central, e esta teria impactos importantes nos rumos da guerra, contribuindo para gerar a comoção do mundo ocidental. É neste sentido que Mariana Ribeiro argumenta que a guerra está "para além de um conflito bélico, a Guerra Civil Nigeriana tratava-se também de uma batalha de narrativas" (RIBEIRO, 2020).

---

<sup>8</sup> Diário de Pernambuco, edição 340, página 7, 14/12/1980

### 3.2 SURGIMENTO DO SIMBOLO DA FOME

A força do discurso biafrense é refletida no Diário de Pernambuco com a quantidade de matérias que despertam comoção. Cerca de 22 matérias, apenas em janeiro de 1970, voltadas a pedidos de intervenção internacional e de mobilização de ajuda humanitária. De acordo com Roy Doron, "tão forte era o medo do genocídio que grande parte da literatura do pós-guerra concentra-se na reação global à crise humanitária e na capacidade de Biafra de projetar sua situação em todo o mundo" (DORON, 2018, p. 75).

Os pedidos de governos e organizações internacionais de impedir um genocídio põe em questão também a autonomia e a auto-determinação da Nigéria, por conta dos pedidos de intervenção e espionagem por parte das potências européias e das organizações internacionais. Em muitas matérias é dito que havia, de fato, observadores internacionais no país, como demonstra a matéria intitulada "indícios de que o governo nigeriano vai adotar repressão contra secessionistas".

Como se percebe, temia-se que Gowon poderia colocar entraves à entrada de agentes internacionais na Nigéria, para tentar esconder seus atos.

A oposição do governo nigeriano a toda ajuda exterior humanitária era interpretada ontem pelos meios biafreses como o comêço da repressão metódica à Biafra. "Que se guarde o dinheiro manchado de sangue", declarou anteontem à noite o chefe de estado nigeriano, general Gowon, ao anunciar que recusava a ajuda oferecida pelas organizações estrangeiras de socorro às vítimas civis do conflito (INDÍCIOS...p. 09, 1970).

A frase que teria sido proferida por Gowon, foi publicada em matéria um dia antes a esta, onde culpa países e instituições internacionais por parte do derramamento de sangue no país: "Acreditais verdadeiramente, que a Nigéria poderá aceitar ajuda de pessoas que contribuíram para nossas perdas de vidas humanas?"(Guardem...p.01.1970). O jornal deixa claro seu desagrado pela declaração do general, afirmando que esta declaração seria "grosseira". Não vem aqui ao caso se Gowon pretendia ou não de fato massacrar os sobreviventes antes do apelo internacional, mas sua frase nos coloca uma questão importante: quão responsáveis são os países europeus e quais as possíveis reações do jornal?

Podemos encontrar no Diário de Pernambuco algumas menções às contribuições internacionais na guerra, ainda que haja pouquíssimas ocorrências. A principal matéria encontrada dentro do material catalogado data de 13 de abril de 1980, sob o título em negrito "O Comércio da Morte", e dedica uma página inteira aos lucros advindos do financiamento de

guerras internacionais, como no Oriente Médio e em Biafra, que de acordo com o jornal, teria recebido armas tchecas.

Figura 6: Comércio de armas de países ocidentais.



Fonte: Diário de Pernambuco, 1980

Ainda que a Nigéria tenha tentado projetar um contra-discurso, negando as acusações de genocídio e defendendo que a guerra pretendia apenas assegurar a integridade e a unidade nigeriana, culpando o líder biafrense, as imagens que ganharam o mundo inteiro foram das crianças biafrenses subnutridas, ainda que, em certo momento, a propaganda tenha começado a tomar um caminho não desejado, uma vez que a opinião pública internacional passou a desejar cada vez mais o fim da guerra como única possibilidade para encerrar o genocídio, quando o objetivo foi angariar ajuda internacional para vencer a guerra (DORON, 2018).

No Diário de Pernambuco não foi comum a ocorrência de tantas imagens relacionadas ao conflito de Biafra. No entanto, entre as poucas que foi possível encontrar, fazem referência à questão da fome, enfatizando, quase sempre, as crianças, conforme exemplos abaixo:

**Figura 7:** Mulher segurando nos braços uma criança muito magra.



Fonte: Diário de Pernambuco, 1970

**Figura 8:** Criança biafrense muito magra.



Fonte: Diário de Pernambuco, 1970

No geral, pode-se dizer que as representações do conflito com teor humanitário levaram a um "achatamento da complexidade da sociedade biafrense e nigeriana em favor do imperativo moral da ajuda humanitária" (HEERTEN; MOSES, 2018, p.14), ou seja, seu sentido político fora esvaziado.

Percebe-se ainda um tom paternalista, como se a Nigéria e Biafra fossem dois bebês que precisam ser tutelados e cuidados. Isto pode ser exemplificado no trecho "O mundo ocidental tenta impedir essa catástrofe". O trecho é parte da legenda de que acompanha a imagem acima, onde vemos uma mulher carregando uma criança desnutrida, intitulada "Fome acossa biafreses".

A força das imagens projetadas pela empresa suíça de relações públicas contratada pelo governo biafrense Markpress se prolonga até os dias de hoje, sendo possível observar, em qualquer menção feita ao conflito, o uso da palavra genocídio para descreve-lo, reproduzido no livro *Meio Sol Amarelo*, de Chimamanda Ngozie Adichie, no filme de mesmo nome que o sucede e no documentário da BBC intitulado "Biafra: Fighting a War Without Guns"<sup>9</sup>.

O jornalista britânico Frederick Forysth em seu livro "O Nascimento do Mito Africano", escrito em 1969, ainda durante o conflito, deixou claro que seu livro era parcial e com o objetivo de relatar a perspectiva do povo de Biafra, argumentando que a fome não foi um "infortúnio de guerra", mas uma política deliberada do governo nigeriano (FORYSTH, 2015).

Roy Doron revela um relatório de Pesquisa realizada possivelmente em 1969, junto ao povo de Biafra, 50,9% dos entrevistados responderam à entrevista afirmando que preferem que a guerra continue, pois do contrário serão todos mortos (DORON, 2018).

Ainda de acordo com o autor, o número foi considerado baixo no relatório, uma vez que o discurso do genocídio foi considerado o "trunfo de propaganda", com o objetivo de manter o povo de Biafra lutando e angariar apoio internacional. A narrativa explica o motivo de, mesmo com a guerra finalizada, alguns grupos isolados biafreses continuavam a lutar, como indica matéria do *Diário de Pernambuco*, de 11 de janeiro de 1970.

O raciocínio utilizado pelos autores que não concordam com a perspectiva do genocídio reside na explicação de que, um genocídio é caracterizado pela aniquilação do inimigo não importando como, e assim, seria impossível render-se e haver sobreviventes, como houve em

---

<sup>9</sup> Biafra: Lutando uma guerra sem armas (tradução nossa)

Biafra (HEERTEN; MOSES, 2018). Isto levou o papa Paulo VI a elogiar a conduta da Nigéria por não realizar uma chacina, conforme matéria publicada em 7 de fevereiro de 1970, intitulada: "Paulo VI elogia conduta da Nigéria em Biafra".

## 4 CONSTRUINDO ALTERIDADE

No primeiro subcapítulo, intitulado "Guerra tribal ou luta por liberdade" discutimos as formas que o jornal caracterizou a guerra do Biafra, identificando formas de reforçar a diferença racial. No segundo subcapítulo, intitulado "Nordeste, a Biafra do Brasil?: Consolidação do símbolo de fome", discutem-se as relações que se estabelecem entre Biafra e Nordeste, e como, a partir disto, Biafra se cristaliza no discurso do jornal como uma referência à fome.

### 4.1 GUERRA TRIBAL OU LUTA POR LIBERDADE?

Visto como e com que intenções Biafra dispara ao mundo as imagens das crianças biafrenses esqueléticas, aqui discute-se que apreensões e reelaborações são feitas pelo Diário de Pernambuco dessas imagens, muito influenciado por uma tendência representacional seguida pela imprensa hegemônica ocidental de forma geral.

As matérias que pautam Biafra no Diário de Pernambuco se tornaram cada vez menos frequentes nos meses posteriores a janeiro e diminuindo a frequência cada vez mais com o passar dos anos. No entanto, nenhum dos anos contemplados nesta análise passou sem pelo menos uma matéria que em Biafra é citada.

É curiosa a insistência no conflito mesmo após passados tantos anos. O que explica a persistência nas referências ao conflito secessionista?

Em primeiro lugar, é possível inferir a respeito da ênfase que o jornal dá para guerras no continente africano, em consonância com a análise realizada pelo professor Juvenal de Carvalho Conceição ao analisar as representações do continente africano nas revistas *Veja*, *Tempo*, *Isto É* e *Época*, onde as representações de África são retratadas como um "cenário de morte sem fim" (CONCEIÇÃO, 2029).

Nesse sentido, as menções a Biafra foram quase sempre colocadas entre os piores episódios da década de 60, por vezes, da história, ou apenas como um lamento moral cujas motivações políticas são esvaziadas. Biafra foi comumente citada entre grandes guerras e crises humanitárias que ocorriam no período, como o conflito Árabe-israelense, a guerra do Vietnã ou guerras civis e de descolonização que ocorriam no continente africano e até em situações de extrema vulnerabilidade social no Brasil. Em 01 de janeiro de 1971, o Diário publica matéria intitulada: "Felizmente, uma guerra teve fim: a da Nigéria x Biafra", onde o conflito é citado como a maior guerra civil da década.

Quando não resumido a uma problemática moral, o jornal define a guerra civil nigeriana como étnica ou tribal, mas igualmente destituindo os vieses políticos e ideológicos, fomentando a tática eurocêntrica e colonialista de inferiorização dos africanos. De acordo com o historiador Juvenal de Carvalho, esta forma de tratar as guerras em África inaugura um padrão de abordagem que se reproduz nas guerras civis de países africanos nos anos subsequentes (CONCEIÇÃO, 2019).

Em 27 de julho de 1973, o político conservador brasileiro Teophilo de Andrade, em texto intitulado "Massacres em África", afirma que "Abandonados a si próprios os negros caíram nas guerras tribais" (ANDRADE, 1973, p 04). O termo utilizado tem por objetivo representar os africanos como atrasados, selvagens, brutos, ineptos, e portanto, incapazes de se auto-governar.

Uma vez que, mesmo que possa haver diversas possibilidades de definições para "tribo", de acordo com Márcio Paim elas possuem o comum o fato de se referirem a uma forma de organização social e política de povos, na maioria das vezes, da antiguidade (PAIM, 2011). O autor coloca, no entanto, que as "ambigüidades inerentes a esta semântica, estão mais associadas aos posicionamentos ideológicos – a maneira como os antropólogos fazem o uso do termo" (PAIM, 2011, p. 92).

O antropólogo francês Jean-Loup Amselle argumenta que o termo tribo já teve o mesmo significado de Estado, mas que essa diferenciação, criada no âmbito da etnologia colonial e amplamente reproduzida pelos meios de comunicação ocidentais, reforça a ideologia que justificava o colonialismo, relegando aos africanos o lugar mais baixo na hierarquia das sociedades humanas (AMSELLE, 2017). O pesquisador explica que o uso dessa terminologia nos dias de hoje é limitada e não mais se aplica:

o suposto «tribalismo» contemporâneo em África corresponde ao pomo da concórdia entre a maioria dos antropólogos. P. Mercier [1961], M. Gluckman [1960], I. Wallerstein [1960], J. Lombard [1969] e R. Sklar [1981] apresentam argumentos convincentes sobre o facto de o «tribalismo» - referido até à exaustão nos meios de comunicação a propósito de África (Zaire, Chade, Etiópia, Nigéria, etc.) - constituir sempre a marca de outra coisa, a máscara de conflitos de ordem social, política e económica. Essa análise, a par de outras, deve enquadrar-se no âmbito da antropologia e seria desejável que fosse retomada e difundida no ensino e nos meios de comunicação de massa. Nenhum antropólogo digno desse título ousaria analisar hoje em dia qualquer revolta, greve ou movimento social em África ou em outro lugar apenas em termos «tribalistas».

Teóphilo de Andrade continua seu texto em defesa do colonialismo europeu, afirmando que conheceu os chopos de Moçambique, e de acordo com estes próprios, devido a organização

social atrasada (tribal) dos povos africanos, que ainda não atingiram ainda o modo de organização estatal, a descolonização seria o fim para chopos:

E explicou-me: Na África negra e tropical, o que conta não é o homem, mas a tribo. São, em geral, hostis umas às outras. Não chegaram ainda à organização do Estado. Se estes se retirassem, disse-me ele, os chopos (que têm um sistema próprio de danças e fazem música suave de marimbas que não é batucada) seriam destruídos por tribos maiores e mais fortes que vivem no interior. "Viriam, acrescentou, matariam os nossos homens e levariam as nossas mulheres, as nossas crianças e o nosso rebanho" (ANDRADE, 1973, p 04).

Ainda reforçando a perspectiva de que o conflito de Biafra é prova de que o processo de descolonização foi apressado, há um texto de 25 de janeiro de 1970, escrito pela Cruzada Democrática Feminina. Grupo de mulheres conservadoras, parte das classes médias e elites do país, que surgiram na esteira de diversos outros grupos femininos de direita que nasceram com o intuito de combater a suposta "onda vermelha" durante o governo de João Goulart (CESTARI, 2021).

No texto, discorrem sobre o fim da guerra do Biafra, afirmando que ambos os lados do conflito tinham motivos para pegar em armas. A Nigéria por não poder permitir a "amputação" do território, e Biafra por conta da discriminação do governo federal contra os habitantes do território secessionista. A descrição detalhada dos "corpos esqueléticos descarnados" e os "cadáveres empilhados por falta de alimentos e socorros médicos" escancaram a necropolítica no jornal, quando colocadas em diálogo com todas as imagens de fome que percorrem o jornal.

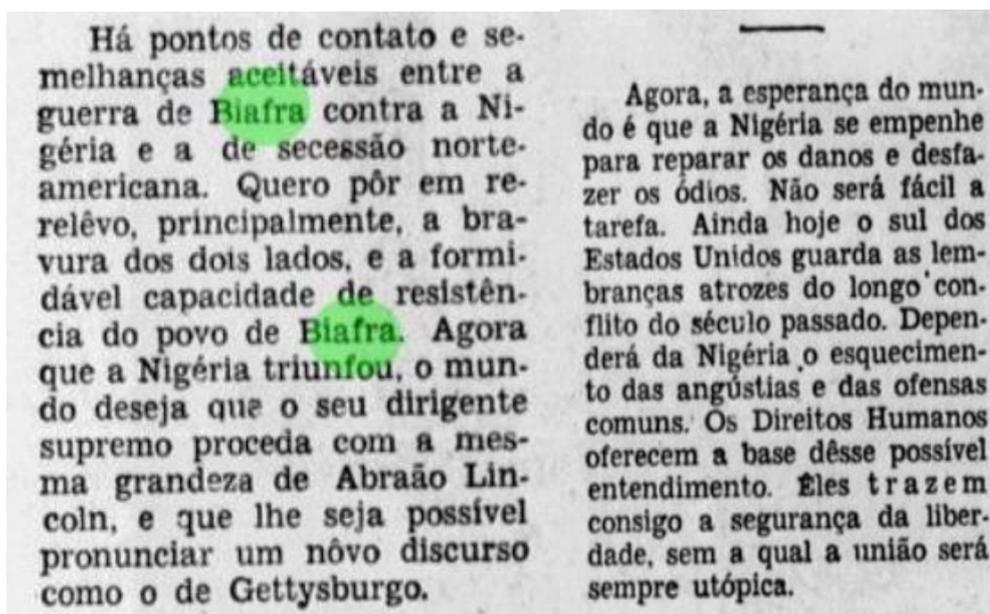
Por fim, afirma que a "desgraçada guerra civil" deixa uma lição de sabedoria para o povo nigeriano e toda a humanidade, reafirmando sua perspectiva primitiva acerca dos povos africanos e reforçando sua argumentação contrária a descolonização:

Vem a ser a de que foi prematura a independência de muitas nações da África. Muitas delas ainda não se libertaram do estado tribal, que é a forma primitiva da infância dos povos. Realmente, a independência das nações não é apenas um estado puramente emocional. Depende, essencialmente, de uma estrutura sócio-política, sem a qual ela será puramente nominal (COLUNA..., 1970, p. 15).

No entanto, uma única matéria acerca da guerra, ainda que um tanto romantizada, consegue fugir da leitura colonialista dos conservadores de ultradireita que ganham espaço no Diário de Pernambuco durante o Regime Militar. Se trata da nota intitulada "A Glória de Biafra", escrita pelo professor e jornalista caruaruense Austregésilo de Athayde, onde compara o conflito em Biafra com a guerra civil americana, e afirma que Biafra, que precisou recorrer às armas contra a opressão do governo nigeriano, "ficará para sempre como exemplo formidável do que pode uma nação, quando luta por liberdade" (A Glória..., 1970, p. 04).

Buscando estabelecer uma relação mais concreta entre as secessões estadunidense e nigeriana, Athayde destaca a bravura e resistência de ambos os lados. E complementa dizendo que espera de Gowon a mesma grandeza de Abraham Lincoln para lidar com biafrenses derrotados. Na íntegra:

**Figura 9:** Trecho da nota intitulada A Glória de Biafra.



**Fonte:** Diário de Pernambuco, 1970

A matéria diz ainda que o conflito nasce da incompreensão do governo federal, e subentende-se, falta de manejo, para lidar com as peculiaridades dos ibos, maioria do povo de Biafra. Assim, o conflito que nasce em grande medida das interferências europeias no país, o autor deposita no mesmo toda a responsabilidade para a reconstrução do país, reforçando conceitos como Direitos Humanos, liberdade e união. Assim, muito embora Autregésilo traga uma outra perspectiva, diferente do que majoritariamente se apresentou no jornal, o autor não menciona informações importantes para a compressão do conflito e responsabiliza a Nigéria por todos os danos.

#### 4.2 NORDESTE, A BIAFRA DO BRASIL

No início do século XX a modernidade chega ao Recife e com ela grandes obras. A abertura da Avenida Marquês de Olinda e os grandes prédios contrastam com os mocambos e favelas que anteriormente compunham a paisagem do centro do Recife. A modernização da cidade, assim como muitas outras no país, foi pautada pela eugenia, pelo branqueamento e uma tentativa de se aproximar do que se entendia por um ideal estético francês.

O mesmo ocorre em cidades como São Paulo e Rio de Janeiro. Mas no entanto, no processo de construção da identidade nacional iniciada ainda no século XIX, São Paulo projeta seu regionalismo como o ideal de modernidade e de brasilidade, o qual deveria unificar o país e apaziguar as diferenças. Uma vez que, nessa perspectiva, descendentes de europeus, não teriam a herança da escravidão e a mancha da negritude na cultura. O desenvolvimento econômico da cidade, então, foi atribuído naturalmente à suposta raça superior do povo paulista (ALBUQUERQUE, 1999).

Neste processo, no entanto, o nordeste é construído imagetivamente através dos discursos, sobretudo literários e de imprensa, onde prevalece na região a fome e seca, atribuindo o subdesenvolvimento da região, de igual modo, não a questões sociais e históricas, mas devido a inferioridade racial das pessoas que compõem a região.

São Paulo então fortalece as representações de superioridade de si, demarcando a diferença racial com relação ao nordeste. Ainda que os discursos sofram mudanças no decorrer do tempo, há uma continuidade no projeto de nacionalidade do país. Assim, as representações que insistem em reforçar os aspectos da seca e da fome do nordeste persistem no século XX, ainda que, como defende Durval Muniz, com a invenção do nordeste em 1920, foi possível novas formas discursivas que reelaboram esta imagem.

O autor coloca ainda que estas representações do Nordeste baseadas em fome e miséria por conta da seca, foi em muito reforçada pelas elites agrárias locais com o objetivo de angariar recursos para a região, um regionalismo definido por Durval Muniz como “regionalismo de inferioridade”.

Assim, percebemos no Diário de Pernambuco uma constância de matérias acerca da fome e seca no nordeste. No entanto, nos chama atenção que essas questões apareçam estabelecendo relações com Biafra e com África de forma geral. Com que objetivo essas são feitas?

A primeira vez que a conexão entre a fome no nordeste e em Biafra aparece nas fontes que foram analisadas no *Diário de Pernambuco* data de 27 de fevereiro de 1970. Na pequena nota intitulada “Sêca”, o jornal trata do “estado de calamidade pública” o qual passam muitas

idades pernambucanas em razão da seca que estaria ocasionando fome, por isso, estas pessoas estariam em "estado de Biafra".

Nos anos seguintes, esta prática de associação não foi incomum nos anos seguintes. No Diário, os paralelos ocorrem de 3 maneiras principalmente: Comparações com algum nordestino em específico, comparações com estados do nordeste ou, por fim, com toda a região de maneira geral, sendo os dois últimos casos muito mais frequentes. Exemplificaremos abaixo cada uma das ocorrências.

Uma das poucas citações a algum indivíduo nordestino aconteceu em matéria publicada em 27 de Janeiro de 1981. Nesta, o jornal noticia o acontecimento de uma feira de ciência e cultura que teria acontecido Americano Batista, tradicional colégio pernambucano fundado em 1906. Uma das pessoas na feira, responsável por falar sobre desnutrição, decidiu chocar a sociedade recifense levando consigo Roberto, de 22 anos, que sofria de desnutrição grave. O jornal se refere ao rapaz como “filho de biafra recifense”.

O jornal aponta ainda que "o menino de 22 anos", conforme foi chamado, causou escândalo e estranhamente por ter confrontado o comodismo das pessoas, que fingem não ver os problemas sociais, e consideram que entregando moedas a mendigos nas ruas estarão contribuindo no combate a este problemas, e assim, terão feito sua parte. No entanto, estranha a certa naturalidade com a qual o jornal trata o fato, soando de modo elogioso à pessoa que decidiu chocar o Recife com o rapaz subnutrido.

Com relação a estados do nordeste, foram selecionados 2 exemplos. Em 09 de fevereiro de 1979, o então advogado e deputado maranhense Edson Vidigal, à época vinculado ao partido Arena, coloca que antes de se tratar em anistia aos militares da Ditadura Militar deve-se antes pensar nas pessoas do Nordeste, sobretudo do Maranhão, que vivem em "estado de Biafra", "cassados pela miséria e sem direito às mínimas condições de vida" (VIDIGAL..., 1979, P. 03).

Em 06 de setembro de 1983, em matéria intitulada “*Le Monde*”, destaca-se a estiagem que assola a Região nordestina, enfocando o estado de Fortaleza. Nesta, o governador Gonzaga Mota afirma que todos os dias morre de fome e sede em seu estado, a exemplo de Biafra. A declaração foi dada a um jornalista do jornal Francês *Le Monde*, publicada em matéria sob o título traduzido de "O Caixão Fúnebre do Nordeste".

As matérias que relacionam os termos de busca "Nordeste" e "Biafra" são muito mais comuns, destacando-se principalmente duas ocorrências do uso do termo “Biafra brasileira” em 1980 e 1981, em referência à crise no Nordeste durante as décadas de 1970 e 1980.

Os problemas econômicos do país e as dificuldades alegadas pelo combate aos problemas sociais do Recife são pauta frequente, conforme destacado pelo professor José

Rafael Menezes na coluna Opinião, em 6 de junho de 1980, afirmando que "O Brasil na verdade não anda próspero para despejar no Nordeste 10 ou 15 bilhões para evitar uma Biafra" (MENEZES, 1980, p.11).

José Onias de Carvalho, no dia 29 de janeiro de 1979, diz: "O que está acontecendo com os nordestinos é uma coisa parecida com aquilo que apareceu em Biafra, morrendo em prestações, esperando milagre que não vem". E o jornalista Zacarias Maciel afirma "não se há de querer que o Nordeste seja uma Biafra no Brasil".

Assim, à medida que se estabeleciam conexões entre Biafra e Nordeste, ao mesmo tempo cristalizou-se no jornal uma tendência a utilizar "biafra" quase como um adjetivo, utilizado em duas ocasiões. Na primeira, para caracterizar pessoas ou lugares acometidos pela fome, como ao exemplo da peça publicada em 15 de março de 1970, intitulada "Baby food", fala-se acerca da construção de uma fábrica de alimentos de alto valor proteico para crianças acometidas pelo mal de kawashiokor, chamado aqui também de "mal de biafra", uma vez que, já sendo Biafra um símbolo de fome, utiliza-se "Biafra" para substituir o nome científico dado a uma doença relacionada à carência de proteínas no corpo humano. E em segundo lugar, para tratar de violações aos Direitos Humanos no geral e infortúnios aleatórios como "Gripe Biafra", "decreto Biafra" ou "Biafra do espírito".

Ao analisar este mesmo fenômeno no jornal O Globo, Ribeiro considera que a ausência de explicações sobre a guerra, ao estabelecerem tais associações, indicaria que "[...] o vocábulo Biafra já tenha adquirido um sentido próprio, sendo desnecessário explicações ou notas de rodapé para que o leitor compreenda do que se trata" (Ribeiro, p. 11, 2019).

Em 21 de junho de 1980 o jornal insere Biafra em uma nova classe de palavras. De acordo com o Diário, este novo verbo seria "biafrizar", que caracterizaria a ação de matar de fome. Nesta pequena nota, trata inicialmente de crianças famintas de Uganda, "pequenos animais lutando por um prato de comida", desumanizando as crianças.

Em seguida, afirma que a África se tornará um campo de concentração nazista por conta da fome. Ou seja, um problema de alguns países é tratado como um problema tipicamente africano, reforçando a prática da estereotipagem. A referência à "biafrizar", nesse contexto, parece indicar que a fome tem origem em Biafra e se expande para toda a África.

Percebemos que a associação direta entre Biafra e fome toma uma dimensão que extrapola o jornal e chega à opinião pública, ainda que não sejam muitos os casos. Trata-se de uma reclamação, publicada primeiramente em 11 de setembro de 1975 e republicada em 15 de junho de 1976, na seção de Cartas à Redação. A leitora Clementina Monteiro do Rêgo Barros Pessoa faz uma reclamação sobre a sujeira na cidade dirigida à prefeitura do Recife. A leitora

relata que um mercado teria colocado uma caçamba de lixo em frente a clínica Santa Paula, indicando com o comparativo abaixo, que conhece o legado trágico que a memória de Biafra carrega consigo, não poucas vezes enfatizado pelo Diário.

Crianças famintas e mulheres sujas (mais parecendo habitantes de Biafra) ficam a retirar de dentro dessa caçamba - restos de comida, verduras estragadas, carnes deterioradas e o que é pior: peixe podre. É um espetáculo verdadeiramente dantesco, e muitas vezes estas crianças ficam dentro da caçamba a caça destes restos, mais parecendo porcos famintos! (PESSOA, p. 04, 1975).

A moradora do Recife reforça a tônica de representações do conflito já corriqueira no jornal: pessoas famintas, sujeiras e lixo. Todo esse conjunto de características somadas, para a leitora, são suficientes para desumanizar aquelas pessoas e associá-las a animais. Para o professor Juvenal de Carvalho, a tática de desqualificação, dos africanos e afrobrasileiros, fixando-os como um "Outro" inferior,

Em 26 de outubro de 1986, o diário publicou uma matéria que será a única exceção que destoa do discurso geral que aqui foi discutido, corroborando com as considerações de Durval Muniz, em matéria intitulada "Não é exagero dizer que o nordestino é no Brasil um morto a fome?". Ainda que reforce o lugar de Biafra como sinônimo de fome, no trecho "este mundo de nordeste, que eles comparam as desgraças da Etiópia ou de Biafra" (Não..., 1986, p.49), problematiza-se as representações estereotipadas do nordeste nos veículos de mídia ao passo que se glamouriza o sul, vendendo-o como referência para o Brasil, um ideal de brasilidade.

É claro, como se sabe, a relação entre os povos africanos e o Brasil, e mais fortemente o nordeste, é secular. Os vínculos foram estabelecidos historicamente através do tráfico atlântico de escravizados. Pernambuco e Bahia já foram dois dos principais eixos de conexão entre o Brasil e a África, ligando respectivamente, à Angola e ao Golfo da Guiné.

Os vínculos entre Nordeste e África são aparentemente redefinidos e reconstruídos no século XX nas páginas do Diário de Pernambuco através das representações da fome e da miséria. Ambos são marcados, ainda hoje, por esses estigmas, nem sempre pelos mesmos motivos, as trajetórias político-econômicas e sociais são distintas. O que se apresenta é que, ao que parece, as experiências de fome são aproximadas pela herança racial, que acompanha consigo o discurso de inferiorização do Outro, negro.

A conotação racial dos paralelos estabelecidos entre o Nordeste e Biafra são demonstrados evidentemente na matéria "Do absolutismo dos coronéis ao medievalismo dos sertões: uma raça de escravos", escrito por Severino Barbosa, onde o autor coloca que o nordeste, mesmo após a libertação dos escravizados, o mesmo de sempre, vivendo em um

regime neo-escravista, estabelecendo uma distância entre os estancieiros do sul e os coronéis do nordeste, os segundos sendo definidos como parasitas. Ainda que critique aspectos políticos da região como parte da culpa pela situação do nordeste, o jornal essencializa os nordestinos à sua raça, fixando-os ao lugar de escravos.

Uma reflexão trazida pelo próprio Diário de Pernambuco em 29 de abril de 1984 parece ser, curiosamente, o melhor meio de finalizarmos as reflexões que conduzimos até aqui. O título, de antemão, parece reforçar o quadro geral de marginalização e estereotipagem: Brasil - África: As secas como traço de união.

A matéria se refere a dois encontros, um realizado na França e o outro no Mali. O primeiro teve por título "Comparação das secas no nordeste brasileiro e no Sahel africano". Na peça, Jacques Bugnicourt teria afirmado que a problemática da fome e da desertificação vão além do meio natural, tendo também um aspecto simbólico. Propõe então, "desmiserabilizar" as imagens do Nordeste e da África, substituindo as imagens de Biafra e dos "nossos flagelados" por imagens de camponeses e pastores de pé. Ainda que reafirme o símbolo da fome sobre Biafra, nos levanta uma questão importante: como superar o estereótipo e o estigma?

## 5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A constatação de Mariana Ribeiro ao considerar que a Guerra do Biafra foi, além de um conflito armado, também uma batalha no campo discursivo, capta muito do significado desta batalha. Biafra projetou para o mundo as imagens de fome e miséria a qual estava sendo submetida com objetivo de angariar apoio político-militar. Por outro lado, o ocidente utiliza-se dessas representações para fixar a diferença racial, cristalizando em Biafra o símbolo da miséria e selvageria do continente africano.

Biafra surge no Diário de Pernambuco como o primeiro signo de fome do continente africano. Posteriormente, Moçambique, Etiópia e Somália passaram a carregar o estereótipo da África famélica. Estas representações passam a dialogar intimamente com as representações do nordeste brasileiro.

O nordeste, cujo subdesenvolvimento já seria resultado das mazelas da negritude, é agora apresentado em associação ao símbolo da fome em África, Biafra, reforçando a representação racializada do Outro nordestino, uma vez que, dentro de uma concepção racializada, o negro é um só, seja em Biafra, em qualquer outra parte do continente africano, ou no Brasil.

Considerando as perspectivas racialistas ainda muito presentes nos discursos observados no Diário de Pernambuco, percebe-se a prática da estereotipagem, quando as representações de fome e selvageria da Guerra do Biafra são lidos como sintoma comum do continente africano em si, em razão da raça.

Percebemos ainda que estas representações são utilizadas por grupos e indivíduos conservadores de extrema-direita, aliados do regime militar brasileiro, tal como o próprio *Diário de Pernambuco*, para justificar o colonialismo, uma vez que a guerra-civil atestaria a incapacidade dos negros à auto-tutela.

Assim, ao homogeneizar um acontecimento localizado na Nigéria como tipicamente africano, o ocidente inventa o Outro negro, enfatizando a diferença que o subalterniza, ao passo que tenta construir uma auto-identidade de superioridade. A criação do outro é ao mesmo tempo um processo de criação de si.

É preciso localizar o discurso do Diário de Pernambuco nas décadas de 1970 e 1980 dentro de um panorama maior de representações no ocidente de forma geral acerca de Biafra e

de outros conflitos em países africanos, É preciso compreender essas representações dentro de um ideal político-ideológico branco-centrado<sup>10</sup> e colonialista.

Importante mencionar ainda que, considerando que, até onde se sabe, nenhum jornalista brasileiro fez cobertura da guerra para jornais brasileiros *in loco*. As matérias divulgadas pelo Diário de Pernambuco foram baseadas em informações, como mencionado pelo jornal, difusas e confusas vindas de Enugu (Biafra) e Lagos (Nigéria).

No entanto, é necessário destacar que essas representações sempre estiveram em disputa. Jornais como o Negritude, entre tantos outros que compunham a imprensa negra<sup>11</sup>, dedicaram também algumas matérias de seus jornais a denunciar a tendência da mídia ocidental em reduzir as manchetes pós-independência de países africanos à miséria, fome e guerras. Em matéria de 1993, o colunista do Jornal Negritude Josafá Mota, coloca que, tal como ocorre na Somália, o novo símbolo da fome na década de 1990, os países que foram alvo dessas representações em anos anteriores, também são resultado da ação de potências europeias.

Considerando as cartas de leitores aqui trabalhadas e os usos feitos do vocábulo "Biafra", pode-se inferir que de algum modo o conflito chegou até a população pernambucana. Considerando, no entanto, que nas décadas de 1960 e 1970 cerca de 40% da população brasileira era analfabeta, significando que o Diário de Pernambuco nesse período alcançava uma parcela da população muito limitada e restrita aos estratos sociais mais elevados. Muito embora o conflito tenha sido televisionado no mundo, consideramos os preços exorbitantes desse bem, o que, ponderamos, também pode ter influenciado o alcance.

Em 2014 o jornal Gazeta do Povo exhibe matéria intitulada: "Conflitos étnicos deixam cem mortos na Nigéria", explicando a existência de um conflito entre grupos étnicos muçulmanos e cristãos. Já em 2018 o portal R7 diz: "Conflitos étnicos e disputas por terras deixam 86 mortos na Nigéria".

O fato dos usos políticos da memória de Biafra nos dias de hoje e da recorrência em jornais dos "problemas étnicos" da Nigéria, em face das ainda incipientes pesquisas realizadas no tema, nos mostra o quanto a questão permanece emblemática e carece de mais pesquisas a respeito.

---

<sup>10</sup> Utilizando-me de conceituação utilizada por Denise Botelho, tentando compreender a influência também estadunidense no processo de branqueamento do país.

<sup>11</sup> Tais como: Angola (1981), do Centro de Cultura Afro-Brasileira; Negração (1988), do Afoxé Alafi n Oyó; Djumbay (1992), da Djumbay e Omnira (1993), do Movimento Negro Unificado de Pernambuco.

Nesta perspectiva, cabe mencionar a imensa dimensão pedagógica da temática, pois considera-se que retrabalhar e redimensionar os conflitos no continente africano, em contraponto ao que nos é historicamente apresentado, insere-se também nos objetivos da Lei 10.639 e das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação das Relações Étnico-Raciais e para o Ensino de História e Cultura Afro-Brasileira e Africana, uma vez que possibilita problematizar estereótipos e estigmas construídos acerca da África, através das questões que se colocam no estudo da guerra do Biafra.

Exemplar neste sentido foi o projeto de extensão "Leitura Dramática de Wole Soyinka", realizado em 2018 pelo Grupo de Estudos Afrika'70, onde estudantes dos cursos de História e de Música da Universidade Federal de Pernambuco, dramatizaram a peça *O Leão e a Jóia*, do dramaturgo nigeriano Wole Soyinka (REIS, 2021). A história da Guerra do Biafra pode ser levada para as salas de aula, por exemplo, através da dramatização do livro "Meio Sol Amarelo".

Colocamos em perspectiva ainda as potencialidades do uso de fontes jornalísticas em sala de aula, uma vez que possibilita aproximar os estudantes da prática da pesquisa histórica. Tendo ainda a possibilidade de trabalhar os jornais disponíveis na internet, esta pode ser uma possibilidade de resposta para as questões que os meios digitais colocam às práticas pedagógicas e às metodologias do ensino de História, uma vez que possibilita unir um conteúdo atrativo e a rigidez metodológica da pesquisa (SILVA, 2014).

Em relação ao ensino de história da África, possibilita repensar o estereótipos e estigmas que se apresentam ainda muito frequentemente nos discursos dos estudantes da educação básica, conforme observa Conceição (2012). Além disso, é importante termos em perspectiva que nas poucas vezes que a África aparece nas aulas, muitas vezes surge de forma deturpada e imprecisa (OLIVA, 2003), sendo assim, também uma possibilidade de abordagem para os cursos de formação de professores de História.

Além disso, as pesquisas realizadas pelo historiador alemão Bodo Von Borries, em torno do conceito de "Burdening History", traduzido no Brasil para "História Difícil", põe em perspectiva a necessidade de se discutir aquilo que se deseja esquecer, temáticas geralmente negligenciadas, uma vez que estas histórias "amargas, tristes, pesadas, conflitivas", podem mobilizar sentimentos como tristeza, luto, vergonha e culpa nos indivíduos (FONSECA; GERMINARI, 2018).

Por fim, pode-se dizer que o conflito de Biafra permanece atual e ainda enseja muitas discussões, sobretudo em diálogo com a imprensa brasileira, considerando o papel da mesma na construção de estereótipos acerca do continente africano. Neste sentido, percebe-se que

permanece sem estudos a recepção da guerra em outros jornais nordestinos, tendo em vista ainda os possíveis diálogos que podem ser estabelecidos com o contexto da região, sobretudo acerca de questões raciais.

## REFERÊNCIAS

### Documentos

República de Biafra. **Proclamation Of The Republic of Biafra**. 1 de agosto de 1967.

### Jornais

Andrade, Theóphilo de. **Massacres em África**. Diário De Pernambuco, Recife, 27/07/1973. Acesso em: 24/04/2023. Disponível em: <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>.

Athayde, Belarmino Maria Austregésilo Augusto de. **A Glória de Biafra**. Diário de Pernambuco, Recife, 16/01/1970. Acesso em: 24/04/2023. Disponível em: <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>.

Barros, Clementina Monteiro do Rego. **SUJEIRA NO PARQUE AMORIM**. Diário de Pernambuco, Recife, 11/07/1976. Acesso em: 24/04/2023. Disponível em: <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>.

CARVALHO, José Onias. **A doença é fome**. Diário de Pernambuco, Recife, 05/11/1978. Acesso em: 24/04/2023. Disponível em: <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>.

**COLUNA da Cruzada Democrática Feminina**. Diário de Pernambuco, Recife. 25/02/1970. Acesso em: 24/04/2023. Disponível em: <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>.

**INDÍCIOS de que o governo nigeriano vai adotar repressão contra secessionistas**. Diário de Pernambuco, Recife, 15/01/1970. Acesso em: 24/04/2023. Disponível em: <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>.

**PAPA celebra missa nas selvas de biafra**. Diário de Pernambuco, Recife, 14/02/1982. Acesso em: 22/04/2023. Disponível em: <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>.

**PELA primeira vez, um papa visita a África**. Diário de Pernambuco, Recife, 01/01/1970. Acesso em: 24/04/2023. Disponível em: <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>.

**PEREGRINO Africano**. Diário de Pernambuco, Recife, 13/02/1982. Acesso em: 22/04/2023. Disponível em: <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>.

Maciel, Zacarias. **Em prol no Nordeste**. Diário de Pernambuco, Recife, 04/09/1971. Acesso em: 24/04/2023. Disponível em: <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>.

MENEZES, José Rafael. **Previsão e Desleixo**. Diário de Pernambuco, Recife, 06/06/1980. Acesso em: 24/04/2023. Disponível em: <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>.

**NÃO é exagero dizer que o nordestino é no Brasil um morto a fome?**. Diário de Pernambuco, Recife, 04/09/1971. Acesso em: 26/10/1986. Disponível em: <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>.

**VIDIGAL qualifica o Maranhão como a "Biafra do Brasil"**. Diário de Pernambuco, Recife, 09/02/1979. Acesso em: 24/04/2023. Disponível em: <http://memoria.bn.br/hdb/periodico.aspx>.

### Bibliografia

ACHEBE, Chinua. **Educação de uma criança sob protetorado britânico: ensaios**. São Paulo: Ática, 2012.

ACHEBE, Chinua. **There Was A Country: A Personal History Of Biafra**. New York: The Penguin Press, 2012

ACHEBE, Chinua. **The Trouble With Nigeria**. Heinemann: Londres e Nairóbi, 1984.

ADICHIE, Chimamanda. **Meio Sol Amarelo**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.

ALBURQUERQUE, Durval Muniz de. **A Invenção do Nordeste e outras artes**. São Paulo, Editora Cortez, 2009.

AMSELLE, Jean-Loup. **Etnias e espaço: por uma antropologia topológica**. In AMSELLE, Jean-Loup, M'BOKOLO, Elikia. **NO CENTRO DA ETNIA: Etnias, tribalismo e Estado na África**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2017.

ÂNGELO, Fernando Cavaleiro. **Os Falcões de Biafra: O Envolvimento Secreto de Portugal na Guerra Civil da Nigéria**. Lisboa: Casa das Letras, 2018.

BHABHA, Homi. **O local da cultura**. Editora UFMG: Belo Horizonte, 1998.

BORGES, Rosane da Silva. **Mídia, racismos e representações do outro**. In BORGES, Roberto Carlos da Silva. **BORGES, Rosane. Mídia e Racismo**. Rio de Janeiro: De Petrus et Alii Editora Ltda; APBN: Distrito Federal, 2012.

CARVALHO, Leon Adan Gutierrez de. **A “Opção Preferencial” de um Jornal Pernambucano pelo Catolicismo Romano nos anos 1980**. Curitiba: Revista Relegens Thréskeia. V. 07 N. 01, 2018.

CESTARI, Raissa Rael. **Esquerda, volver: o Movimento Nacionalista Feminino (1963-1964)**. Belo Horizonte: Temporalidades, v. 13, n. 1, 2021.

CONCEIÇÃO, J. D. C. **Em pauta: Veja, Tempo e as representações de África**. Tese (Doutorado em História). Universidade de São Paulo. São Paulo, 2019.

CONCEIÇÃO, J. D. C. **A Ideia de África: Obstáculos para o ensino de História africana no Brasil**. São Paulo: Projeto História. V. 44, N 01, pp. 343-353, 2012.

DORON, ROY. **Marketing Genocide: Biafran Propaganda Strategies During the Nigerian Civil War, 1967–1970**. In HEERTEN, Lasse. MOSES, Anthony Dirk. **Postcolonial Conflict and the Question of Genocide: The Nigeria-Biafra War, 1967 -1970**. New York: Routledge, 2018.

FALOLA, Toyin; HEATON, Mattew. **A History of Nigeria**. New York: Cambridge University Press, 2008.

FALOLA, Toyin. **O poder das culturas africanas**. Rio de Janeiro: Editora Vozes, 2020.

FALOLA, Toyin. THOMAS, Charles G. **Secession And Separatist Conflicts in Postcolonial Africa**. Alberta: University of Calgary Press, 2020.

FONSECA, Danilo Ferreira. GERMINARI, Geyson Dongley. **História difícil e etnocentrismo: o ensino de história e o genocídio de Ruanda na web**. Antíteses: Londrina, v. 11, n. 22, p.538-558, jul./dez. 2018.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. Rio de Janeiro: Ed. Puc - Rio, 2016.

HALL, Stuart. **A Centralidade da Cultura: notas sobre as revoluções culturais do nosso tempo**. Educação e Realidade: Porto Alegre, V. 22. N 2., 1997.

HEERTEN, Lasse. MOSES, Anthony Dirk. **The Nigeria-Biafra War: Postcolonial Conflict and the Question of Genocide**. In Postcolonial Conflict and the Question of Genocide: The Nigeria Biafra War, 1967 -1970. New York: Routledge, 2018.

HERNANDEZ, Leila. **África na sala de aula: uma visita à história da África contemporânea**. São Paulo: Selo Negro, 2005.

SMITH, KAREN. **The UK and ‘Genocide’ in Biafra**. In Postcolonial Conflict and the Question of Genocide: The Nigeria Biafra War, 1967 -1970. New York: Routledge, 2018.

MUNANGA, Kabengele. **Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil: identidade nacional vs identidade negra**. Petrópolis: Editora Vozes, 1999.

OLIVA, Anderson Ribeiro. **A História da África nos bancos escolares: Representações e imprecisões na literatura didática**. Rio de Janeiro: Estudos Afro-Asiáticos, V. 25, N 03, pp. 421-461, 2003.

PAIM, Márcio. **África nos editoriais da Folha de São Paulo (1989-2001)**. Dissertação (Mestrado em Estudos Étnicos e Africanos). Universidade Federal da Bahia. Salvador, 2011.

REIS, Luiza Nascimento dos. **Estudantes africanos e africanas no Brasil (Anos 1960)**. Editora UFPE: Recife, 2021.

REIS, Luiza Nascimento dos. **O protagonismo de Sidi: mulher, teatro e ensino de história da Nigéria**. In MOTA, Thiago Henrique (org). Ensino antirracista na Educação Básica: Da formação de professores às práticas pedagógicas. Editora Fi: Porto Alegre, 2021.

SILVA, José Bento Rosa. **Cadernos de História: História e Cultura Africana e Afro-Brasileira**. Editora UFPE: Recife, 2013.

RIBEIRO, M L F. **Biafra: Para além de uma guerra, uma batalha de representações**. Encontro estadual de História: História e Movimentos Sociais - BA, 2018.

RIBEIRO, M. L. F. **Biafra e a Opinião Pública Internacional: Como a cobertura jornalística influenciou os rumos da Guerra Civil Nigeriana**. ANPUH - Brasil, Simpósio Nacional de História, Recife, 2019.

RIBEIRO, M. L. F. BIAFRA: **As representações jornalísticas e literárias da Guerra Civil Nigeriana**. Dissertação (Mestrado em Estudos Africanos, Povos Indígenas e Culturas Negras). Universidade do Estado da Bahia. Salvador, 2020.

RODNEY, Walter. **Como a Europa subdesenvolveu a África**. Lisboa: Seara Nova, 1975.

ZACARIAS, Audenice Alves dos Santos. **A República Oligárquica de Pernambuco: Montagem e declínio do domínio de Francisco de Assis Rosa e Silva**. Tese (Doutorado em História), Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2017.

ZIEGLER, Jean. **Nigéria: A Fábrica do Ódio**. In: Ódio ao Ocidente. São Paulo: Editora Cortez, 2011.